



APOLOGIA DE SÓCRATES

PLATÃO

TEXTO INTEGRAL




Saraiva
de BOLSO





APOLOGIA DE SÓCRATES

PLATÃO

TEXTO INTEGRAL




Saraiva
de BOLSO

Platão (429-347 a.C.) é certamente um dos marcos da cultura ocidental, indubitavelmente impregnada pela sua presença e pelas suas ideias. Filósofo da Grécia Antiga, Platão fundou, em Atenas, a Academia — importante instituição cultural que contou com alunos ilustres, como, por exemplo, Aristóteles. Platão escreveu inúmeros diálogos e alguns deles, como **As leis** e **A República**, são considerados os alicerces de uma incipiente ciência política.

Discípulo de Sócrates, outro grande filósofo da Antiguidade, Platão deixou impressa de tal forma em sua obra a influência do mestre que nem sempre é fácil para os estudiosos distinguir as ideias de um e de outro. Numa tentativa de evocar um discurso proferido por Sócrates em defesa própria perante seus acusadores, Platão redigiu a **Apologia de Sócrates**, texto considerado por muitos as mais belas páginas de eloquência que nos foram legadas pela Antiguidade, uma síntese da filosofia socrática.

APOLOGIA DE SÓCRATES

Platão

Tradução e apêndice
Maria Lacerda de Moura

Introdução
Alceu Amoroso Lima



Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados.

Coordenação: Daniel Louzada

Conselho editorial: Daniel Louzada, Frederico Indiani, Leila Name, Maria Cristina Antonio Jeronimo

Projeto gráfico de capa e miolo: Leandro B. Liporage

Ilustração de capa: Cássio Loredano

Diagramação: Filigrana

Conversão pra E-book: Trio Studio

Equipe editorial Nova Fronteira: Shahira Mahmud, Adriana Torres, Claudia Ajuz, Gisele Garcia

Preparação de originais: Gustavo Penha, José Grillo, Sandra Mager

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P777a

Platão, 427-347 a.C.

Apologia de Sócrates / Platão ; tradução e apêndice Maria Lacerda de Moura, introdução Alceu Amoroso Lima. - [Ed. especial].
- Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.

(Saraiva de bolso)

ISBN 9788520928561

1. Sócrates. 2. Filosofia antiga I. Título. II. Série.

CDD: 184

CDU: 1(38)

Livros para todos

Esta coleção é uma iniciativa da Livraria Saraiva que traz para o leitor brasileiro uma nova opção em livros de bolso. Com apuro editorial e gráfico, textos integrais, qualidade nas traduções e uma seleção ampla de títulos, a coleção Saraiva de Bolso reúne o melhor da literatura clássica e moderna ao publicar as obras dos principais artistas brasileiros e estrangeiros que tanto influenciam o nosso jeito de pensar.

Ficção, poesia, teatro, ciências humanas, literatura infantojuvenil, entre outros textos, estão contemplados numa espécie de biblioteca básica recomendável a todo leitor, jovem ou experimentado. Livros dos quais ouvimos falar o tempo inteiro, que são citados, estudados nas escolas e universidades e recomendados pelos amigos.

Com lançamentos mensais, os livros da coleção podem acompanhá-lo a qualquer lugar: cabem em todos os bolsos. São portáteis, contemporâneos e, muito importante, têm preços bastante acessíveis.

Reafirmando o compromisso da Livraria Saraiva com a educação e a cultura do Brasil, a Saraiva de Bolso convida você a participar dessa grande e única aventura humana: a leitura.

Saraiva de Bolso. Leve com você.

A morte de Sócrates

Eis como, na palavra de um dos grandes biógrafos de Platão, se apresentam os fatos, em sua nudez objetiva — “kahl und tot” —, que cercaram a morte de Sócrates, essa morte que vem atravessando os séculos, como um dos grandes momentos da história da humanidade e representa como que uma prefiguração da morte de Cristo no Calvário.

“Durante o inverno de 400/399 (a.C.) apresentou Meleto ao rei de Atenas uma queixa contra Sócrates. Anito e Lícon a subscreviam. Meleto era um jovem, pertencente a uma família de poetas e havia, pouco antes, feito representar uma Edipédia. Era poeta de pequeno vulto e queria chamar a atenção sobre a sua pessoa. Os dois outros estavam metidos na vida pública. Lícon tinha tido, anteriormente, relações com Sócrates. Seu filho Antólico se tinha tornado um atleta conhecido e havia perdido a vida em um golpe da guarnição espartana durante a ocupação, o que provocara grande emoção. Havia, no caso, qualquer ressentimento pessoal (do pai contra Sócrates) que não podemos bem explicar. Anito era um dos chefes da Democracia moderada dominante. Sua participação dava à queixa o seu maior peso. Sócrates era acusado de recusar o culto devido aos deuses do Estado, introduzindo entidades demoníacas, com isso pervertendo a mocidade e levando-a a cometer os mesmos crimes (de ateísmo contra os deuses oficiais), pois só assim ficaria o crime sob a jurisdição do rei, a quem competia a defesa da religião do Estado. O rei recebeu a queixa, dirigiu o inquérito e reuniu um tribunal de 501 jurados, que poderia condenar o réu pela maioria de sessenta vozes. Como pena, após acusação da promotoria, foi votada a de morte, por grande maioria. Um julgamento do povo soberano e infalível, que os juízes representavam, era imediatamente posto em execução. Não havia recurso a qualquer instância superior. Sócrates foi logo levado à prisão pelos executores da sentença e posto a ferros

para evitar a fuga. Seu amigo Críton apresentou garantias de que o condenado não procuraria fugir, provavelmente com o fito de obter alguma atenuação de tratamento, na prisão, para que o acusado pudesse ainda conversar com seus amigos. Adiou-se inesperadamente a execução da sentença. Dias antes se preparava para partir para Delfos o navio sagrado, que outrora levava Teseu a Creta, para uma peregrinação ao santuário de Apolo. Todo ano, nessa época, partia um navio para Delfos, com uma embaixada, para festejar o deus, que durante o inverno se ausentava para a Lícia. Nesse ano recaiu a festa no mês que anuncia a primavera, “mês sagrado” para os habitantes de Delfos, que correspondia ao “mês das flores” dos atenienses, o segundo depois do solstício do inverno. Nesse mês o mar não era ainda navegável. Daí o adiamento da partida e da volta do navio sagrado. Era tradição, porém, que durante esse período nenhuma sentença de morte podia ser executada. Dessa vez o lapso de tempo foi particularmente longo. Na tarde, porém, do dia em que o navio sagrado voltou ao porto, Sócrates bebeu a cicuta. São esses os fatos em sua plena nudez. (N. von Willamovitz-Moellendorf — *Platon*. 1920 vol. I, p. 155.)

Dos acusadores de Sócrates, dois morreram, tempos depois, lapidados pela multidão, como, caluniadores: Meleto e Anito. Quanto a Lícon, desapareceu da história, como os outros também. Graças à glória de sua vítima é que seus nomes ainda são lembrados pela posteridade.

Por ocasião da morte de Sócrates, Platão estava doente. Não pôde participar das conversas do mestre com os discípulos, aproveitando o atraso da execução da sentença, durante o qual Sócrates fazia versos sobre as fábulas de Esopo ou recusava a Críton a fuga por este oferecida, possivelmente com a própria complacência das autoridades públicas, que começavam provavelmente a reconhecer a fatal injustiça que os jurados haviam cometido, graças às intrigas dos acusadores.

Platão não pôde tampouco, acompanhar a Críton, Fédon, Apolidoro, Cebes e Símiás — os cinco amigos e discípulos, fiéis que participaram do memorável encontro do último dia de Sócrates, cujo resultado Fédon, depois da morte do mestre, foi contar a Echécates e este referiu a Platão, que por sua vez o imortalizou no diálogo a que deu nome de Fédon.

Toda obra de Platão está penetrada pelos ensinamentos de Sócrates, a tal ponto que nenhum comentador conseguiu distinguir nela o que pertence ao discípulo e o que proveio do mestre. O que se sabe, apenas, é que foi em seguida ao episódio relatado pelo próprio Sócrates, em seu *Discurso aos juízes*, durante o regime dos 30 Tiranos e sobretudo após a sua morte, que Platão “se converteu”, como diz Burnett, “levantando-se um novo homem da cama em que jazia doente. Não seria o caso único de um homem chamado a ser um apóstolo depois da morte do seu Mestre”, aludindo evidentemente, o intérprete moderno, ao caso de s. Paulo após a morte de Cristo (cf A. Diès — *Autour de Platon*, 1927, p. 134, nota I).

Não é à toa que o nosso Fagundes Varela, no seu *Evangelho nas selvas*, introduz simbolicamente a figura de Sócrates, como tomando o lugar de Judas, depois da fuga antecipada do traidor, para completar os 12. Há uma analogia profunda entre as duas mortes, uma no plano natural, a outra no plano sobrenatural.

*Meia-noite! Nos altos candelabros
Desmaiavam as luzes, a tristeza
Cerrava os corações. — Éramos doze,
Murmura um dos amigos assombrado,
Éramos doze, sem contar o Mestre —
Judas se retirou e... doze somos! —
Nesse momento um trêmulo gemido
Soou junto da mesa, o santo cálice
Oscilou lentamente, desprendendo
Aguda vibração... branca figura,
Como a de Samuel na negra fuma
Da sibila de Endor, bela e horrível
Ergueu-se vagarosa junto ao Cristo,
— Senhor! — falou — Senhor, em idos tempos,*

*Por vossa vinda suspirei de balde!
Entre rudes pagãos, fui o primeiro
Que a divina unidade expôs ao mundo,
Que do Deus uno e trino a glória vii!
Mártir da fé, baixei à sepultura
Sem receber as águas do Batismo!...*

*Hoje, que dás a salvação e a vida
À humanidade escrava do pecado,
Quebrei da morte o fúnebre sigilo,
Vim o sangue beber, comer a carne,
A carne e o sangue do Cordeiro eterno!
Glória! Glória ao Senhor! abertas vejo
Do Paraíso as portas luminosas! —
— Piedoso varão, exímio Sócrates,
Sábio como Moisés, íntegro e justo
Como o grande Abraão — Jesus exclama,
Voa ao seio de Deus! Recebe o prêmio
De teu sublime, heroico sacrifício! —
Um fúlgido clarão de alva celeste
Iluminou a sala, e a sombra ilustre,
Como outrora o Senhor, transfigurada,
Deixou a terra, os homens, e perdeu-se
Nas regiões do éter!...*

As duas grandes acusações contra Sócrates, que levaram a maioria dos 501 a condená-lo à morte, foram — atentar contra a religião do Estado e corromper a mocidade: ateísmo e subversão.

Foi fácil a Sócrates, na sua defesa, destruir completamente tanto uma como outra acusação, como se vê de suas palavras perante o Areópago. Longe de ser um ateu, mostra Sócrates que foi a voz do oráculo de Delfos que sempre o guiou. Isto é, nunca se considerou como sendo infalível. Ao contrário, o que o oráculo lhe ensinara é que “toda a sabedoria humana não valia grande coisa e mesmo não valia nada”. E não foi outra a lição socrática. Longe de ser a de um racionalista, era a voz da humildade e do reconhecimento de que “há mais coisas debaixo do sol do que a nossa pobre razão pode compreender”, como 23 séculos mais tarde o iria exprimir de novo um dos poetas supremos da humanidade.

Meleto, o poetastro, não teve o que responder, quando Sócrates pulverizou sua acusação de ateísmo, porque realmente não era verdadeira. Verdade apenas é que Sócrates condenava o politeísmo oficial, a religião de Estado, que obrigava a um conformismo especulativo incompatível com a dignidade humana e com a liberdade de consciência. Quando Sócrates introduziu “demônios”, em sua maiêutica, não estava tampouco pregando qualquer forma de

demonismo espiritista. Seus demônios são “filhos dos deuses e das ninjas ou mesmo dos simples mortais”, isto é, representam as próprias forças da natureza que receberam dos “deuses”, isto é, do mistério sobrenatural, aquela autonomia que permite à inteligência humana penetrá-los e à técnica subjugar-los. A filosofia socrática não era um ateísmo, pois considerava que as raízes do universo sensível estavam acima e fora desse universo, e Platão sistematizou essa doutrinação em sua teoria das *Ideias e da divindade* suprema. Mas era, isso sim, um antiestatismo, isto é, uma condenação da autocracia humana que se servia dos deuses para impor aos homens uma escravidão política e moral, pior do que a escravidão puramente social. Esse estatismo, para Sócrates, tanto podia ser democrático como oligárquico. Contra os 30 Tiranos fora ele a única voz no Pritaneu que ousou erguer-se contra um decreto injusto da ditadura. E foi morrer vítima de um governo “democrático” e até mesmo da facção “moderada” da democracia, como o prova Willamovitz-Moellendorf, chamando a atenção para o fato de que só “alguns anos depois (da morte de Sócrates) é que os democratas radicais subiram ao poder” (op. cit. p. 157). O fanatismo, “democrático” ou “ditatorial”, é que é o inimigo da dignidade humana e da liberdade de consciência que Sócrates representa. Não era, pois, uma questão de regime, embora o antidemocratismo de Platão atribuísse a morte de Sócrates à “teatrocracia”, que a democracia alimentara.

“Foi assim que o governo de Atenas passou de aristocrático a teatrocrático.” (Platão.) A teatrocracia ateniense teve por efeito liberar todos os cidadãos (“e a desordem passando do teatro a tudo mais”) de todo o respeito para com os magistrados, os superiores e os melhores, passando-se daí “ao desprezo pelo pátrio poder e pelos velhos”, ao “desrespeito pelas leis”, à apostasia “de todas as promessas, dos juramentos, dos deuses, imitando e renovando a audácia dos Titãs”. Tudo isso estava em germe na teatrocracia, ou pelo menos a teatrocracia contribuiu, largamente, para isso. Em suma, foi a teatrocracia que matou Sócrates” (Émile Faguet — *Pour qu'on lise Platon*, 1905, p. 57).

Platão, nessa interpretação bastante aleatória de Faguet, aproveitava-se da morte de Sócrates como argumento em favor de sua República autocrática e de sua animosidade contra a democracia, ou antes contra a demagogia. Pois, na realidade, o que hoje chamamos democracia era o que os gregos, desde Aristóteles ao

menos, chamavam de *politeia*, reservando o nome democracia ao que hoje chamamos demagogia.

Na realidade, Sócrates não morria por um regime político, mas por um princípio mais alto do que todos os regimes — o da dignidade humana. O que ele não tolerava era a opressão do pensamento, fosse da Multidão, fosse do Estado, fosse em nome dos deuses, fosse em nome da onipotência da Razão, da Violência ou do Número. A maioria que votou sua morte praticava uma injustiça igual à que havia praticado o regime ditatorial oligárquico, contra o qual a sua voz solitária no Pritaneu é que estava com a razão, com a verdade e com a justiça.

Por elas é que Sócrates enfrentou a morte com a mesma serenidade com que passara a vida discutindo livremente com os cidadãos de Atenas. Se é verdade, como diz Faguet, que “Platão tinha ódio aos atenienses”, como tinha “ódio à democracia”, nesse ponto o platonismo nada tinha de socrático. Sócrates nunca sonhou em organizar uma República que pudesse, pela rigidez de suas leis, como pretendeu Platão fazê-lo, dar a felicidade aos cidadãos. Pelo contrário, como nos diz Sócrates no seu imortal *Discurso aos juízes*, sempre, “desde criança” uma “voz interior” o aconselhou a não se meter na vida política. Não era esta a sua vocação. “Se o tivesse feito há muito que estaria morto.” Não era uma lição de escapismo, mas de sabedoria. Cada um no seu lugar. E o lugar de Sócrates era *argumentar* com os cidadãos, levá-los a pensar, pensar com eles e não entrar na ação política, para governá-los ou mesmo para elaborar as leis que os deviam tornar felizes, como Platão queria que os “filósofos” fizessem e em vão o tentou junto aos tiranos... Por aí se vê que nem todo platonismo é socratismo.

A morte de Sócrates era *pela liberdade* e não pela autoridade. Era esta, e no caso a autoridade de um regime democrático, que praticava contra ele, e contra a consciência humana, uma trágica injustiça. Contra isso é que ele se revolta, não por atos mas por palavras, não pela violência, mas pela serenidade, não pela ação, nem pela paixão, mas pela razão. Mais do que pela razão, pela sabedoria, mestra da razão. E mais do que pela sabedoria humana, “humana demais”, como diria Nietzsche, pela sabedoria sobre-humana, divina, oracular. Ou como dizemos nós cristãos, “gratuita”, inspirada pela graça Divina.

Nesse sentido é que Sócrates foi uma prefiguração de Cristo. Sua morte, como a de Cristo, foi um protesto contra todas as tiranias, de César ou da Multidão, dos teocratas, dos aristocratas, ou dos democratas. Só há uma cracia autêntica — a cracia Divina, a cracia do Bem, da Verdade, da Justiça, do Amor, aquela que Sócrates viveu e seguiu pela boca da Pítia de Delfos. E que Cristo viveu e seguiu pela boca do Pai. A mais alta voz do Paganismo se antecipava, como um profeta desconhecido, à mais alta voz do Cristianismo. Cristo, Verbo de Deus, vinha ser, humanamente falando, a realização não apenas da voz dos Profetas, mas dessas vozes humanas, como a de Sócrates ou a de Virgílio, que do fundo do helenismo ou da latinidade, tinham como que um pressentimento obscuro daquilo que do fundo da Raça eleita, os Elias e Isaías, Ezequiéis e Jeremias anunciavam.

A importância da morte de Sócrates e da sua Apologia, que Platão exprimiu para todos os séculos, como poeta e como filósofo, tanto na própria Apologia, como no *Crítion* ou no *Fédon*, transcendem, pois, de muito, o próprio mundo helênico, ou o da cultura por ele transmitido à posteridade.

Sócrates — enfrentando a morte, com aquela serenidade incomparável e fazendo um testamento de sabedoria que só se aproxima daquele que o apóstolo s. João nos conservou, ditado pelo próprio Cristo, ao enfrentar também a morte, depois da Ceia — deixou para toda a humanidade, ocidental e oriental, setentrional ou meridional, a todas as raças e a todos os tempos, uma lição insuperável de grandeza humana e de sublime sabedoria sobre-humana...

Nunca a dignidade do homem, a liberdade de consciência, a defesa da verdade, da justiça, da virtude, a serenidade perante a morte, a humildade de espírito e a grandeza de alma, a compreensão e a fortaleza de ânimo, a coragem sem jactância nunca um pensamento tão alto, uma lição tão profunda, foi dada por um homem aos homens em termos tão perfeitamente belos. Só mesmo a divindade de Cristo poderia transcender a humanidade de Sócrates. E sua morte ainda teve, como a de Tomás Morus, uma nota final extremamente humana: aquela ironia com que recomendou ao discípulo querido que não se esquecesse, como determinava a superstição, de sacrificar um galo a Esculápio, a esse deus da medicina e da terapêutica, que sabia preparar venenos tão sutis, como essa Cicuta, com que ele ingressava tranquilamente não na

morte mas na eternidade! Não com lágrimas nos olhos, mas com um sorriso nos lábios. Condenando, para sempre, na pessoa dos seus algozes, a arrogância dos fanáticos, a violência dos medíocres e a implacabilidade dos primários.

Platão (429-347 a.C.)

A *Apologia de Sócrates* se coloca entre as mais belas páginas de eloquência que nos foram legadas pela antiguidade. A autodefesa do filósofo, feita perante seus impudentes e impenitentes acusadores, evocada por Platão com devoção de discípulo fiel, é, não obstante a brevidade do texto, uma síntese da filosofia socrática, de grandíssimo valor literário e como documento humano. A admirável serenidade do sábio, só preocupado com o destino dos seus acusadores e com a sagrada verdade, manifesta-se em toda a sua grandeza nas páginas imortais deste pequenino e grande livro.

Alceu Amoroso Lima

Primeira Parte

O que vós, cidadãos atenienses, haveis sentido, com o manejo dos meus acusadores, não sei; certo é que eu, devido a eles, quase me esquecia de mim mesmo, tão persuasivamente falavam. Contudo, não disseram, eu o afirmo, nada de verdadeiro. Mas, entre as muitas mentiras que divulgaram, uma, acima de todas, eu admiro: aquela pela qual disseram que deveis ter cuidado para não serdes enganados por mim, como homem hábil no falar.

Mas, então, não se envergonham disso, de que logo seriam desmentidos por mim, com fatos, quando eu me apresentasse diante de vós, de nenhum modo hábil orador? Essa me parece a sua maior imprudência, se, todavia, não denominam “hábil no falar” aquele que diz a verdade. Porque, se dizem exatamente isso, poderei confessar que sou orador, não, porém, à sua maneira.

Assim, pois, como acabei de dizer, pouco ou absolutamente nada disseram de verdade; mas, ao contrário, eu vo-la direi em toda a sua plenitude. Contudo, por Zeus, não ouvireis, por certo, cidadãos atenienses, discursos enfeitados de locuções e de palavras, ou adornados como os deles, mas coisas ditas simplesmente com as palavras que me vierem à boca; pois estou certo de que é justo o que digo, e nenhum de vós espera outra coisa. Em verdade, nem conviria que eu, nesta idade, me apresentasse diante de vós, ó cidadãos, como um juvenzinho que estuda os seus discursos. E todavia, cidadãos atenienses, isso vos peço, vos suplico: se sentirdes que me defendo com os mesmos discursos com os quais costume falar nas feiras, perto dos bancos¹, onde muitos de vós me tendes ouvido, em outros lugares, não vos espanteis por isso, nem provoqueis clamor². Porquanto, há o seguinte: é a primeira vez que me apresento diante de um tribunal, na idade de mais de setenta anos³: por isso, sou quase estranho ao modo de falar aqui. Se eu fosse realmente um forasteiro, sem dúvida me perdoaríeis, se eu falasse na língua e maneira pelas quais tivesse sido educado; assim também agora vos peço uma coisa que me parece justa: permiti-me, em primeiro lugar,

o meu modo de falar — e poderá ser pior ou mesmo melhor — depois, considerai o seguinte, e só prestai atenção a isso: se o que digo é justo ou não; essa, de fato, é a virtude do juiz, do orador — dizer a verdade.

É justo, pois, cidadãos atenienses, que, em primeiro lugar, eu me defenda das primeiras e falsas acusações que me foram apresentadas, e dos primeiros acusadores; depois, me defenderei das últimas e dos últimos. Porque muitos dos meus acusadores têm vindo até vós há já bastante tempo, talvez anos, e sem jamais dizerem a verdade; e esses eu temo mais do que Anito e seus companheiros, embora também sejam temíveis os últimos. Mais temíveis porém são os primeiros, ó cidadãos, os quais tomando a maior parte de vós, desde crianças, vos persuadiam e me acusavam falsamente, dizendo-vos que há um tal Sócrates, homem douto, especulador das coisas celestes e investigador das subterrâneas e que torna mais forte a razão mais fraca. Esses cidadãos atenienses, que divulgaram tais coisas, são os acusadores que eu temo; pois aqueles que os escutam julgam que os investigadores de tais coisas não acreditam nem mesmo nos deuses. Pois esses acusadores são muitos e me acusam há já bastante tempo; e, além disso, vos falavam naquela idade em que mais facilmente podíeis dar crédito, quando éreis crianças e alguns de vós muito jovens, acusando-me com pertinaz tenacidade, sem que ninguém me defendesse. E o que é mais absurdo é que não se pode saber nem dizer os seus nomes, exceto, talvez, algum comediógrafo⁴.

Por isso, quantos, por inveja ou calúnia, vos persuadiam, e os que, convencidos, procuravam persuadir os outros, são todos, por assim dizer, inabordáveis; porque não é possível fazê-los comparecer aqui, nem refutar nenhum deles, mas devo eu mesmo me defender, quase combatendo com sombras e destruir, sem que ninguém responda.

Admiti, também vós, como eu digo, que os meus acusadores são de duas espécies, uns, que me acusaram recentemente, outros, há muito, dos quais estou falando e convinde em que me devo defender primeiramente destes, porque também vós os ouvistes acusar-me em primeiro lugar e durante muito mais tempo que os últimos.

Ora bem, cidadãos atenienses, devo defender-me e empreender remover da vossa mente, em tão breve hora, a má opinião acolhida por vós durante longo tempo.

Certo eu desejaria consegui-lo, e seria o melhor, para vós e para mim, se, defendendo-me, obtivesse algum proveito; mas vejo a coisa difícil, e bem percebo por quê. De resto, seja como Deus quiser: agora é preciso obedecer à lei e me defender.

3

Prossigamos, pois, e vejamos, de início, qual é a acusação, de onde nasce a calúnia contra mim, baseado na qual Meleto me moveu este processo.

Ora bem, que diziam os caluniadores ao caluniar-me? É necessário ler a ata da acusação jurada por estes acusadores: — *Sócrates comete crime e perde a sua obra, investigando as coisas terrenas e as celestes, e tornando mais forte a razão mais débil, e ensinando aos outros.* — Tal é, mais ou menos, a acusação: e isso já vistes, vós mesmos, na comédia de Aristófanes, onde aparece, aqui e ali, um Sócrates que diz caminhar pelos ares e exhibe muitas outras tolices, das quais não entendo nem muito, nem pouco.

E não digo isso por desprezar tal ciência, se é que há sapiência nela, mas o fato é, cidadãos atenienses, que, de maneira alguma, me ocupo de semelhantes coisas. E apresento testemunhas: vós mesmos, e peço vos informeis reciprocamente, mutuamente vos interrogueis, quantos de vós me ouviram discursar algum dia; e muitos dentre vós são desses. Perguntai-vos uns aos outros se qualquer de vós jamais me ouviu orar, muito ou pouco, em torno de tais assuntos, e então reconheceréis que tais são, do mesmo modo, as outras mentiras que dizem de mim.

Na realidade, nada disso é verdadeiro, e, se tendes ouvido de alguém que eu instruo e ganho dinheiro com isso, também não é verdade. Embora, em realidade, isso mesmo me pareça bela coisa: que alguém seja capaz de instruir os homens, como Górgias de Leontine, Pródico de Coos, e Hípias de Élide. Porquanto, cada um desses, ó cidadãos, passando de cidade em cidade, é capaz de persuadir os jovens, os quais poderiam conversar gratuitamente com todos os cidadãos que quisessem; é capaz de os persuadir a estar com eles, deixando as outras conversações, compensando-os com dinheiro e proporcionando-lhes prazer.

Mas aqui há outro erudito de Paros, o qual eu soube que veio para junto de nós, porque encontrei por acaso um que despendeu com os sofistas mais dinheiro que todos os outros juntos: Cálias de Hipônico. Tem dois filhos e eu o interroguei: — Cálias, se os teus filhinhos fossem poldrinhos ou bezerros, deveríamos escolher e pagar para eles um guardião, o qual os deveria aperfeiçoar nas suas qualidades inerentes; seria uma pessoa que entendesse de cavalos e agricultura. Mas, como são homens, qual é o mestre que deves tomar para eles? Qual é o que sabe ensinar tais virtudes, a humana e a civil? Creio bem que tens pensado nisso uma vez que tens dois filhos. Haverá alguém ou não? — Certamente! — responde. E eu pergunto: — Quem é, de onde e por quanto ensina? — Éveno, respondeu, de Paros, por cinco minas. — E eu acreditaria Éveno muito feliz, se verdadeiramente possui essa arte e a ensina com tal garbo. Mas o que é certo é que também eu me sentiria altivo e orgulhoso, se soubesse tais coisas; entretanto, o fato é, cidadãos atenienses, que não sei.

Algum de vós, aqui, poderia talvez se opor a mim: — Mas, Sócrates, que é que fazes? De onde nasceram essas calúnias? Se não tivesses te ocupado em coisa alguma diversa das coisas que fazem os outros, na verdade não terias ganho tal fama e não teriam nascido acusações. Dize, pois, o que é isso, a fim de que não julguem a esmo.

Quem diz assim, parece-me que fala justamente, eu procurarei demonstrar-vos que jamais foi essa a causa produtora de tal fama e de tal calúnia. Ouvi-me. Talvez possa parecer a alguns de vós que eu esteja gracejando; entretanto, sabei-o bem, eu vos direi toda a verdade. Porque eu, cidadãos atenienses, se conquistei esse nome, foi por alguma sabedoria. Que sabedoria é essa? Aquela que é talvez, propriamente, a sabedoria humana. É, em realidade, arriscado ser sábio nela: mas aqueles de quem falávamos ainda há pouco seriam sábios de uma sabedoria mais que humana, ou não sei que dizer, porque certo não a conheço. Não façais rumor, cidadãos atenienses, não fiquéis contra mim, ainda que vos pareça que eu diga qualquer absurdo; pois que não é meu o discurso que estou por dizer, mas refiro-me a outro que é digno da vossa confiança. Apresento-vos, de fato, o deus de Delfos, como testemunha de minha sabedoria, se eu a tivesse, e qualquer que fosse. Conheceis bem Xenofonte. Era meu amigo desde jovem, também amigo do vosso partido democrático, e participou do vosso exílio e convosco repatriou-se. E sabeis também como era Xenofonte, veemente em tudo aquilo que empreendesse. Uma vez, de fato, indo a Delfos, ousou interrogar o oráculo a respeito disso e — não façais rumor, ó cidadãos, por isso que digo — perguntou-lhe, pois, se havia alguém mais sábio que eu. Ora, a pitonisa respondeu que não havia ninguém mais sábio⁵. E a testemunha disso é seu irmão, que aqui está.

Considerai bem a razão por que digo isso: estou para demonstrar-vos de onde nasceu a calúnia. Em verdade, ouvindo isso, pensei: que queria dizer o deus e qual é o sentido das suas palavras obscuras? Sei bem que não sou sábio, nem muito nem pouco: que quer dizer, pois, afirmando que eu sou o mais sábio? Certo não mente, não é possível. E fiquei por muito tempo em dúvida sobre o que pudesse dizer; depois de grande fadiga, resolvi buscar a significação do seguinte modo. Fui a um daqueles detentores da sabedoria, com a intenção de refutar, por meio deles, sem dúvida, o oráculo, e, com tais provas, opor-lhe a minha resposta: Este é mais sábio que eu, enquanto tu dizias que sou eu o mais sábio. Examinando esse tal — não importa o nome, mas era, cidadãos atenienses, um dos políticos, este de quem eu experimentava esta impressão — e falando com ele, afigurou-se-me que esse homem parecia sábio a muitos outros e principalmente a si mesmo, mas não era sábio. Procurei demonstrar-lhe que ele parecia sábio sem o ser. Daí me veio o ódio dele e de muitos dos presentes. Então, pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e de bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso — ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei. Depois desse, fui a outro daqueles que possuem ainda mais sabedoria que esse, e me pareceu que todos são a mesma coisa. Daí veio o ódio também a este e a muitos outros.

Depois prossegui sem mais me deter, embora vendo, amargurado e temeroso, que estava incorrendo em ódio; mas, também, me parecia dever fazer mais caso da resposta do deus. Para procurar, pois, o que queria dizer o oráculo, eu devia ir a todos aqueles que diziam saber qualquer coisa. E então, cidadãos atenienses, já que é preciso dizer a verdade, me aconteceu o seguinte: procurando segundo o dedo do deus, pareceu-me que os mais estimados eram quase privados do melhor, e que, ao contrário, os outros, reputados ineptos, eram homens mais capazes, quanto à sabedoria.

Ora, é preciso que eu vos descreva os meus passos, como de quem se cansava para que o oráculo se tornasse acessível a mim. Depois dos políticos, fui aos poetas trágicos, e, dos ditirâmbicos fui aos outros, convencido de que, entre esses, eu seria de fato apanhado como mais ignorante do que eles. Tomando, pois, os seus poemas, dentre os que me pareciam os mais benfeitos, eu lhes perguntava o que queriam dizer, para aprender também eu alguma coisa com eles.

Agora, ó cidadãos, eu me envergonho de vos dizer a verdade; mas, também, devo manifestá-la. Pois que estou para afirmar que todos os presentes teriam recorrido sobre tais versos, quase melhor do que aqueles que os haviam feito.

Em poucas palavras direi ainda, em relação aos trágicos, que não faziam por sabedoria aquilo que faziam, mas por certa natural inclinação, e intuição, assim como os adivinhos e os vates; e em verdade; embora digam muitas e belas coisas, não sabem nada daquilo que dizem. O mesmo me parece acontecer com os outros poetas; e também me recordo de que eles, por causa das suas poesias, acreditavam-se homens sapientíssimos ainda em outras coisas, nas quais não eram. Por essa razão, pois, andei pensando que, nisso, eu os superava, pela mesma razão que superava os políticos.

8

Por fim, também fui aos artífices, porque estava persuadido de que por assim dizer nada sabiam, e, ao contrário, tenho que dizer que os achei instruídos em muitas e belas coisas. Em verdade, nisso me enganei; eles, de fato, sabiam aquilo que eu não sabia e eram muito mais sábios do que eu. Mas, cidadãos atenienses, parece-me que também os bons artífices tinham o mesmo defeito dos poetas: pelo fato de exercitar bem a própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo também nas outras coisas de maior importância, e esse erro obscurecia o seu saber.

Assim, eu ia interrogando a mim mesmo, a respeito do que disse o oráculo, se devia mesmo permanecer como sou, nem sábio da sua sabedoria, nem ignorante da sua ignorância, ou ter ambas as coisas, como eles têm.

Em verdade, respondo a mim e ao oráculo que me convém ficar como sou.

Ora, dessa investigação, cidadãos atenienses, me vieram muitas inimizades e tão odiosas e graves que delas se derivaram outras tantas calúnias e me foi atribuída a qualidade de sábio; pois que, a cada instante, os presentes acreditam que eu seja sábio naquilo que refuto aos outros. Do contrário, ó cidadãos, o deus é que poderia ser sábio de verdade, ao dizer, no oráculo, que a sabedoria humana é de pouco ou nenhum preço; e parece que não tenha querido dizer isso de Sócrates, mas que se tenha servido do meu nome, tomando-me por exemplo, como se dissesse: Aqueles dentre vós, ó homens, são sapientíssimos que, como Sócrates, tenham reconhecido que em realidade não têm nenhum mérito quanto à sabedoria.

Por isso, ainda agora procuro e investigo segundo a vontade do deus, se algum dos cidadãos e dos forasteiros me parece sábio; e, quando não, indo em auxílio do deus, demonstro-lhe que não é sábio. E, ocupado em tal investigação, não tenho tido tempo de fazer nada de apreciável, nem nos negócios públicos, nem nos privados, mas encontro-me em extrema pobreza, por causa do serviço do deus.

Além disso, os jovens ociosos, os filhos dos ricos, seguindo-me espontaneamente, gostam de ouvir-me examinar os homens, e muitas vezes me imitam, por sua própria conta, e empreendem examinar os outros; e então, penso, encontram grande quantidade daqueles que acreditam saber alguma coisa, mas, pouco ou nada sabem. Daí, aqueles que são examinados por eles encolerizam-se comigo assim como com eles, e dizem que há um tal Sócrates, perfidíssimo, que corrompe os jovens. E quando alguém lhes pergunta o que é que ele faz e ensina, não têm nada que dizer, pois ignoram. Para não parecerem embaraçados, dizem aquela acusação comum, a qual é movida a todos os filósofos: que ensina as coisas celestes e terrenas, a não acreditar nos deuses, e a tornar mais forte a razão mais débil. Sim, porque não querem, a meu ver, dizer a verdade, isto é, que descobriram a sua presunção de saber, quando não sabem nada. Assim, penso, sendo eles ambiciosos e resolutos e

em grande número, e falando de mim concordemente e persuasivamente, vos encheram os ouvidos caluniando-me de há muito tempo e com persistência. Entre estes, arremessaram-se contra mim Meleto, Anito e Lícon: Meleto pelos poetas, Anito pelos artífices, Lícon pelos oradores⁶. De modo que, como eu dizia no princípio, ficaria maravilhado se conseguisse, em tão breve tempo, tirar do vosso ânimo a força dessa calúnia, tornada tão grande.

Eis a verdade, cidadãos atenienses, e eu falo sem esconder nem dissimular nada de grande ou de pequeno.

Saibam, quantos o queiram, que por isso sou odiado; e que digo a verdade, e que tal é a calúnia contra mim e tais são as causas. E tanto agora como mais tarde ou em qualquer tempo, podereis considerar estas coisas: são como digo.

É suficiente, pois, esta minha defesa diante de vós, contra a acusação movida a mim pelos primeiros acusadores.

Agora procurarei defender-me de Meleto, homem de bem e amante da pátria, como dizem, e um dos últimos acusadores.

Voltemos, portanto, ao ato de acusação, jurado por ele, como por outros acusadores. É mais ou menos assim:

— *Sócrates* — diz a acusação — *comete crime corrompendo os jovens e não considerando como deuses os deuses que a cidade considera, porém outras divindades novas.* — Esta é a acusação. Examinemo-la agora em todos os seus vários pontos. Diz, primeiro, que cometo crime, corrompendo jovens. Ao contrário, eu digo, cidadãos atenienses, Meleto é quem comete crime, porque brinca com coisas graves. Conduzindo com facilidade os homens ao tribunal, aparentando ter cuidado e interesse por coisas em que de fato nunca pensou. Procurarei mostrar-vos que é bem assim.

— Agora, dize-me, Meleto: não é verdade que te importa bastante que os jovens se tornem cada vez melhores, tanto quanto possível?

— Sim, é certo.

— Vamos, pois, dizer-lhes quem os torna melhores: é claro que tu o deves saber, coisa que te preocupa, tendo de fato encontrado quem os corrompe, como afirmas, uma vez que me trouxeste aqui e me acusas. Continua, fala e indica-lhes quem os torna melhores. Vê, Meleto, calas e não sabes o que dizer. E, ao contrário, não te parece vergonhoso e suficiente prova do que justamente eu digo, que nunca pensaste em nada disso? Mas, dize, homem de bem, quem os torna melhores?

— As leis.

— Mas não pergunto isso, ótimo homem, mas qual o homem que sabe, em primeiro lugar, isso exatamente, as leis.

— Aqueles, Sócrates, os juízes.

— Como, Meleto? Esses são capazes de educar os jovens e os tornar melhores?

— Como não?

— Todos, ou alguns, apenas, outros não?

— Todos.

— Muito bem-respondido, por Juno: Vê quanta abundância de pessoas úteis! Como? Também estes, que nos escutam, tornam melhores os jovens ou não?

— Também estes.

— E os senadores?

— Também os senadores.

— É assim, Meleto. Não corrompem os jovens os cidadãos da assembleia, ou também todos esses os tornam melhores?

— Também esses.

— Assim, pois, todos os homens, como parece, tornam melhores os jovens, exceto eu, só eu corrompo os jovens. Não é isso?

— Isso exatamente afirmo de modo conciso.

— Oh! Que grande desgraça descobriste em mim! E responde-me: será assim também para os cavalos? que aqueles que os tornam melhores são todos os homens e que um só os corrompe? ou será o contrário, que um só é capaz de os tornar melhores, e bem poucos aqueles que entendem de cavalos; e os mais, quando querem manejá-los e usá-los, os estragam? Não é assim, Meleto, para os cavalos como para todos os animais? Sim, certamente, ainda que tu e Anito o neguem ou afirmem. Pois seria uma grande fortuna para os jovens que um só corrompesse e os outros lhes fossem todos úteis. Mas, na realidade, Meleto, mostraste o suficiente que jamais te preocupaste com os jovens, e claramente revelaste o teu desmazelo, que nenhum pensamento te passou pela mente, disso de que me acusas.

— E agora, dize-me, por Zeus, Meleto: que é melhor, viver entre virtuosos cidadãos ou entre malvados? Responde, meu caro, não te pergunto uma coisa difícil. Não fazem os malvados alguma maldade aos que são seus vizinhos, e alguns benefícios os bons?

— Certamente.

— E haverá quem prefira receber malefícios a ser auxiliado por aqueles que estão com ele? Responde, porque também a lei manda responder⁷. Há os que gostam de ser prejudicados?

— Não, por certo.

— Vamos, pois, tu me acusas como pessoa que corrompe os jovens e os torna piores, voluntariamente ou involuntariamente?

— Para mim, voluntariamente.

— Como, Meleto? Tu, nesta idade, és mais sábio do que eu, tão velho, sabendo que os maus fazem sempre mal aos mais próximos e os bons fazem bem: eu, pois, cheguei a tal grau de ignorância que não sei nem isso; que, se tornasse maus alguns daqueles que estavam comigo, correria o risco de receber dano, se é que faço um tão grande mal, como dizes. Não te creio, Meleto, quanto a isso, e ninguém te acredita, penso.

Mas, ou não os corrompo, ou, se os corrompo, é involuntariamente, e em ambos os casos mentiste. E, se os corrompo involuntariamente, não há leis que mandem trazer aqui alguém, por tais fatos involuntários, mas há as que mandam conduzi-lo em particular, instruindo-o, advertindo-o; é claro que, se me convencer, cessarei de fazer o que estava fazendo sem querer. Tu, ao contrário, evitaste encontrar-me e instruir-me, não o quiseste; e me conduzes aqui, onde a lei ordena citar aqueles que têm necessidade de pena e não de instrução.

Mas, cidadãos atenienses, os fatos evidenciaram o que eu sempre disse. Jamais Meleto prestou atenção a tais coisas, nem muita nem pouca. Todavia, explica, Meleto, o que significa a tua expressão, dizendo que corrompo os jovens. É claro, segundo a acusação escrita por ti mesmo, que ensino a não respeitar os deuses que a cidade respeita, porém, outras divindades novas. Não dizes que os corrompo, ensinando tais coisas?

— Sim, é isso mesmo que eu digo, sempre que posso.

— Assim, pois, Meleto, por estes mesmos deuses, de que agora estás falando, fala ainda mais claro, a mim e aos outros. Não consigo entender se dizes que eu ensino a acreditar que existem certos deuses — e em verdade creio que existem deuses, e não sou de todo ateu, nem sou culpado de tal erro — mas não são os da cidade, porém outros e disso exatamente me acusas, dizendo que eu creio em outros deuses. Ou dizes que eu mesmo não creio inteiramente nos deuses e que ensino isso aos outros?

— Eu digo isso, que não acredito inteiramente nos deuses.

— Admirável Meleto, a quem disse eu isso? Não creio, pois, do mesmo modo que os outros homens, que o sol e a lua são deuses?

— Não, por Zeus, ó juízes: ele disse de fato que o sol é uma pedra, e a lua, terra.

— Tu acreditas acusar Anaxágoras, caro Meleto; e me desprezas tanto e me consideras tão privado de letras a ponto de não saber que os livros de Anaxágoras Clazomênio estão cheios de tais raciocínios? De modo que os jovens aprendem coisas de mim, pelas quais podem talvez, pagando todos no máximo uma dracma, rir-se de Sócrates, quando se lhe atribui arrogância, embora isso pareça estranho. Mas, por Zeus, assim te parece, que eu creio que não exista nenhum deus?

— Nenhum, por Zeus, nenhum mesmo.

— És decerto, indigno de fé, Meleto, e também a ti mesmo, me parece, tais coisas são inacreditáveis. Porque este homem, cidadãos atenienses, me parece a própria arrogância e imprudência, e

certamente escreveu essa acusação por medo, intemperança e leviandade juvenil. De fato, ele, para mim, se assemelha a alguém que proponha um enigma e diga, interrogando-se a si mesmo: Perceberá Sócrates, o sábio, que eu estou zombando dele e me contradigo, ou conseguirei enganá-lo e aos outros que me ouvem? E, ao contrário, me parece que, no ato da acusação, se contradiz de propósito, como se dissesse: Sócrates comete crime, não acreditando nos deuses, mas acreditando nos deuses. E isso, na verdade, é fazer zombaria.

Considerai, pois, comigo, ó cidadãos, de que modo me parece que ele diz isso. Responde-nos, tu, Meleto, e vós, como pedi a princípio, não façais rumor contra mim, se conduzo o raciocínio deste modo. Existem entre os homens, Meleto, os que acreditam que há coisas humanas, e que não há homens? Que responda ele, ó juízes, sem resmungar ora uma coisa ora outra. Há os que acreditam que não há cavalos, e coisas que tenham relação com os cavalos sim? Ou acreditam que não há flautista, e coisas relativas as flautas sim? Não há? Ótimo homem, se não queres responder, digo-o eu, aqui, a ti e aos outros presentes. Mas, ao menos, responde a isto: Há quem acredite que há coisas demoníacas, e demônios não?

— Não há.

— Oh! como estou contente que tenhas respondido de má vontade, constrangido por outros! Tu dizes, pois, que eu creio e ensino coisas demoníacas, sejam novas, sejam velhas; portanto, segundo o teu raciocínio, eu creio que há coisas demoníacas e o juraste na tua acusação. Ora, se creio que há coisas demoníacas, certo é absolutamente necessário que eu creia também na existência dos demônios. Não é assim? Assim é: estou certo de que o admites, porque não respondes. E não temos em apreço os demônios como deuses ou filhos dos deuses? Sim, ou não?

— Sim, é certo.

— Se, pois, creio na existência dos demônios, como dizes, se os demônios são uma espécie de deuses, isso seria propor que não acredito nos deuses, e depois, que, ao contrário, creio nos deuses, porque ao menos creio na existência dos demônios. Se, por outra parte, os demônios são filhos bastardos dos deuses com as ninfas, ou outras mulheres, das quais somente se dizem nascidos, quem jamais poderia ter a certeza de que são filhos dos deuses se não existem os deuses? Seria de fato do mesmo modo absurdo que alguém acreditasse nas mulas, filhas dos cavalos e das jumentas, e acreditasse não existirem cavalos e asnos. Mas, Meleto, a tua

acusação foi feita para me pôr à prova, ou também por não saber a verdadeira culpa que me pudesses atribuir: por que, pois, te arriskas a persuadir um homem, mesmo de mente restrita, de que pode a mesma pessoa acreditar na existência das coisas demoníacas e divinas, e, de outro lado, essa pessoa não admite demônios, nem deuses, nem heróis? Isso não é possível.

Em realidade, cidadãos atenienses, para demonstrar que não sou réu, segundo a acusação de Meleto, não me parece ser necessária longa defesa, mas isso basta. Aquilo, pois, que eu dizia no princípio, que há muito ódio contra mim, e muito acumulado, bem sabeis que é verdade. E isso é o que me vai perder, se eu me perder... e não Meleto, ou Anito, mas, a calúnia e a insídia do povo: pela mesma razão se perderam muitos outros homens virtuosos, e outros ainda, creio, serão perdidos; não há perigo que a série se feche comigo. Mas talvez alguém pudesse dizer: Não te envergonhas, Sócrates, de te aplicares a tais ocupações, pelas quais agora estás arriscado a morrer? A isso, porei justo raciocínio, e é o seguinte: não estás falando bem, meu caro, se acreditas que um homem, de qualquer utilidade, por menor que seja, deve fazer caso dos riscos de viver ou de morrer, e, ao contrário, só deve considerar uma coisa: quando fizer o que quer que seja, deve considerar se faz coisa justa ou injusta, se está agindo como homem virtuoso ou desonesto. Porquanto, segundo a tua opinião, seriam desprezíveis todos aqueles semideuses que morreram em Troia. E, com eles, o filho de Tétis, o qual para não sobreviver à vergonha, desprezou de tal modo o perigo que, desejoso de matar Heitor, não deu ouvido à predição de sua mãe, que era uma deusa, e a qual lhe deve ter dito mais ou menos isto: — Filho, se vingares a morte de teu amigo Pátroclo e matares Heitor, tu mesmo morrerás, porque *imediatamente depois de Heitor, o teu destino está terminado*. Ouviu tais palavras, não fez nenhum caso da morte e dos perigos, e, temendo muito mais o viver ignóbil e não vingar os amigos, disse: — Morra eu imediatamente depois de ter punido o culpado, para que não permaneça aqui como objeto de riso, *junto das minhas naus recurvas, inútil fardo da terra*⁸. Crês que tenha feito caso dos perigos e da morte? Porque em verdade assim é, cidadãos atenienses: onde quer que alguém se tenha colocado, reputando-o o melhor posto, ou se for ali colocado pelo comandante, tem necessidade, a meu ver, de ir firme ao

encontro dos perigos, sem se importar com a morte ou com coisa alguma, a não ser com as torpezas.

Gravíssimo erro deveria considerar, cidadãos atenienses, quando os comandantes, por vós eleitos para me dirigirem, me assinalaram um posto em Potideia, em Anfípole, em Délío, não ter eu ficado onde me colocaram como qualquer outro e correndo perigo de morte. Quando, pois, o deus me ordenava, como penso e estou convencido, que eu devia viver filosofando e examinando a mim mesmo e aos outros, então eu, se temendo a morte ou qualquer outra coisa, tivesse abandonado o meu posto, isso seria deveras intolerável. Nesse caso, com razão, alguém poderia conduzir-me ao tribunal, e acusar-me de não acreditar na existência dos deuses, desobedecendo ao oráculo, e temendo a morte, e reputando-me sábio sem o ser.

Pois que, ó cidadãos, a temer a morte não é outra coisa que parece ter sabedoria, não tendo. É, de fato, parecer saber o que não se sabe. Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males. E o que é senão ignorância, de todas a mais reprovável, acreditar saber aquilo que não se sabe? Eu, por mim, ó cidadãos, talvez nisso seja diferente da maior parte dos homens, eu diria isto: não sabendo bastante das coisas do Hades, delas não fugirei. Mas fazer injustiça, desobedecer a quem é melhor e sabe mais do que nós, seja deus, seja homem, isso é que é mal e vergonha. Não temerei nem fugirei das coisas que não sei se, por acaso, não são boas, em confronto com as más, que sei que são más. Anito disse que, ou não se devia, desde o princípio, trazer-me aqui, ou, uma vez que me trouxeram não é possível deixarem de me condenar à morte, afirmando que, se eu me salvasse, imediatamente os vossos filhos, seguindo os ensinamentos de Sócrates, estariam de fato corrompidos. Mas, se me absolvêsseis, não cedendo a Anito, se me dissêsseis: Sócrates, agora não damos crédito a Anito, mas te absolveremos, contanto que não te ocupes mais dessas tais pesquisas e de filosofar, porque, se fores apanhado ainda

a fazer isso, morrerás; se, pois, me absolvêsseis sob tal condição, eu vos diria:

— Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de obedecer a vós, e enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar ou de instruir cada um, quem quer que seja que vier à minha presença, dizendo-lhe, como é meu costume: — Ótimo homem, tu que és cidadão de Atenas, da cidade maior e mais famosa pelo saber e pelo poder, não te envergonhas de fazer caso das riquezas, para guardares quanto mais puderes e da glória e das honrarias, e, depois, não fazer caso e nada te importares da sabedoria, da verdade e da alma, para tê-la cada vez melhor?

E, se algum de vós protestar e prometer cuidar disso, não o deixarei já, nem irei embora, mas o interrogarei e o examinarei e o convencerei, e, em qualquer momento que me pareça que não possui virtude, convencido de que a possuo, o reprovarei, porque faz pouquíssimo caso das coisas de grandíssima importância e grande caso das parvoíces. E isso o farei com quem quer que seja que me apareça, seja jovem ou velho, forasteiro ou cidadão, tanto mais com os cidadãos quanto mais me sejam vizinhos por nascimento.

Isso justamente é o que me manda o deus, e vós o sabeis, e creio que nenhum bem maior tendes na cidade, maior do que este meu serviço do deus.

Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma, para que ela seja quanto possível melhor, e vou dizendo que a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vêm, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados.

Se, falando assim, eu corrompo os jovens, tais raciocínios são prejudiciais; mas se alguém disser que digo outras coisas que não essas, não diz a verdade. Por isso vos direi, cidadãos atenienses, que secundando Anito ou não, absolvendo-me ou não, não farei outra coisa, nem que tenha de morrer muitas vezes.

Não façais rumor, cidadãos atenienses, mas perseverai no que vos estou dizendo, isto é, não vocifereis pelas coisas que digo, mas ouvi-me; pois, escutando-me, penso que tirareis proveito.

Aqui estou para vos dizer algumas outras coisas, e talvez, por isso, levantareis a voz, mas não o deveis fazer. Sabei-o bem: se me condenais a morrer, a mim que sou tal como eu digo, não causareis maior dano a mim que a vós mesmos. E, de fato, nem Meleto, nem Anito me poderiam fazer mal em coisa alguma: isso jamais seria possível, pois que não pode acontecer que um homem melhor receba dano de um pior. É possível que me mandem matar, ou me exilem, ou me tolham os direitos civis; mas provavelmente, eles ou quaisquer outros reputam tais coisas como grandes males, ao passo que eu não considero assim, e, ao contrário, considero muito maior mal fazer o que agora estão eles fazendo, procurando matar injustamente um homem.

Ora, pois, cidadãos atenienses, estou bem longe de me defender por amor a mim mesmo, como alguém poderia supor, mas por amor a vós, para que, condenando-me, não tenhais de cometer o erro de repelir o dom que de mim vos fez o deus. Pois que, se me matardes, não encontrareis facilmente outro igual, que (pode parecer ridículo dizê-lo) tenha sido adaptado pelo deus à cidade, do mesmo modo como a um cavalo grande e de pura raça, mas um pouco lerdo pela sua gordura, é aplicada a necessária esporada para sacudi-lo. Assim justamente me parece que o deus me aplicou à cidade, de maneira que, despertando cada um de vós e persuadindo-vos e desaprovando-os, não deixo de vos esporar os flancos, por toda parte, durante todo o dia.

E outro parecido. não tereis tão facilmente, cidadãos. Mas, se me ouvísseis me pouparíeis. É possível que vós, irritados como aqueles que são despertados quando no melhor do sono, repelindo-me para condescender com Anito, levianamente me condeneis à morte, para

dormirdes o resto da vida, se, entretanto, o deus, pensando em vós, não vos mandar algum outro.

Que eu seja um homem cuja qualidade é a de ser um dom feito pelo deus à cidade, podereis deduzir do seguinte: não é, na verdade, do homem, eu ter descuidado das minhas coisas, resignando-me por tantos anos a me descuidar dos negócios domésticos para acudir sempre aos vossos, aproximando-me sempre de cada um de vós em particular como um pai ou um irmão mais velho, persuadindo-vos a vos preocupardes com a virtude? Se, em verdade, disso eu obtivesse qualquer coisa e recebesse compensação de tais advertências, teria uma razão. Mas agora vós mesmos vedes que os acusadores, tendo acusado a mim, com tanta impudência, de tantas outras coisas, não foram capazes de apresentar uma testemunha de que eu tenha contratado ou pedido alguma recompensa.

Pois bem; apresento um testemunho suficiente da verdade do que digo: a minha pobreza.

Mas, poderia talvez parecer estranho que eu, andando daqui para lá, me cansasse dando em particular esses conselhos, e depois, em público, não ousasse, subindo diante do vosso povo, aconselhar a cidade. A causa disso é a que em várias circunstâncias, eu vos disse muitas vezes: a mim me acontece qualquer coisa de divino e demoníaco; isso justamente Meleto escreveu também no ato da acusação, zombando de mim. E tal fato começou comigo em criança. Ouço uma voz, e toda vez que isso acontece ela me desvia do que estou a pique de fazer, mas nunca me leva à ação. Ora, é isso que me impede de me ocupar dos negócios do Estado. E até me parece que muito a propósito mo impede, porquanto, sabei-o bem, cidadãos atenienses, se eu, há muito tempo, tivesse empreendido ocupar-me com os negócios do Estado, há muito tempo já estaria morto, e não teria sido útil em nada, nem a vós, nem a mim mesmo.

E não vos encolerizeis comigo, porque digo a verdade; não há nenhum homem que se salve, se quer opor-se, com franqueza, a vós ou a qualquer outro povo, e impedir que muitos atos contrários à justiça e às leis se pratiquem na cidade. E não há outro caminho: quem combate verdadeiramente pelo que é justo, se quer ser salvo por algum tempo, deve viver a vida privada, nunca meter-se nos negócios públicos.

Disso vos poderei dar grandes provas, não palavras, mas o que prezais: fatos. Ouvi, pois, de minha boca o que me aconteceu, para que saibais que não há ninguém a quem eu tenha feito concessões com desprezo da justiça e por medo da morte; e que, ao mesmo tempo, por essa recusa de toda concessão, deverei morrer. Dir-vos-ei talvez coisas comuns e pedantescas, mas verdadeiras. De fato, cidadãos atenienses, não tenho mais nenhum cargo público na cidade, mas fui senador, e, à nossa tribo Antióquia coube por sorte a Pritania⁹, quando quisestes que aqueles dez estrategistas, que não haviam recolhido os mortos e os náufragos da batalha naval, fossem julgados coletivamente, contra a lei, no que todos vós conviestes.

Então somente eu, dos pritanos, me opus a vós, não querendo agir em oposição à lei, e votei contra. E, embora os oradores estivessem prontos a me acusar e me prender, e vós os encorajásseis vociferando, mesmo assim, achei que me convinha mais correr perigo com a lei e com o que era justo, do que, por medo do cárcere e da morte, estar convosco, vós que deliberáveis o injusto¹⁰.

Isso acontecia quando a cidade era ainda governada pela democracia. Quando veio a oligarquia, os Trinta, novamente tendo-me chamado, em quinto lugar, ao Tolo, ordenaram-me que fosse a Salamina buscar o Leão Salamínio, para que fosse morto. Muitos fatos desse gênero tinham sido ordenados a muitos outros, com o fim de cobrir de infâmia quantos mais pudessem. Também naquele momento, não com palavras mas com fatos, demonstrei de novo que a morte não me importava, ou me importava menos que um figo, eu diria se não fosse indelicado dizê-lo. Mas não fazer nada de injusto e de ímpio isso sim, me importa acima de tudo. Pois aquele governo, embora tão violento, não me intimidou, para que eu fizesse alguma injustiça; mas quando saímos do Tolo, os outros quatro foram a Salamina e trouxeram o Leão, e eu, ao contrário, afastei-me deles e fui para casa. Naquela ocasião, eu teria sido morto, se o governo não fosse derrubado pouco depois. E disso tendes testemunhas em grande número¹¹.

Ora, julgais que eu teria vivido tantos anos, se me tivesse aplicado aos negócios públicos e, procedendo como homem de bem, tivesse defendido as coisas justas, e, como deve ser, tivesse dado a isso a maior importância? Muito longe disso, cidadãos atenienses; na verdade, também nenhum outro se teria salvo! Eu, porém, durante toda a minha vida, se fiz alguma coisa, em público como em particular, vos apareço sempre o mesmo, não tendo jamais concedido coisa alguma contra a justiça nem aos outros nem a algum daqueles que os meus caluniadores chamam de meus discípulos.

Mas nunca fui mestre de ninguém: se, pois, alguém se mostrou desejoso da minha presença quando eu falava, e acudiam à minha procura jovens ou velhos, nunca me recusei a ninguém. Nunca, ao menos, falei de dinheiro; mas igualmente me presto a interrogar os ricos e os pobres, quando alguém, respondendo, quer ouvir o que digo. E se algum daqueles se torna melhor, ou não se torna, não posso ser responsável¹², pois que não o prometi, nem dei, nesse sentido, nenhum ensinamento. E, se alguém afirmar que aprendeu ou ouviu de mim, em particular, qualquer coisa de diverso do que disse a todos os outros, sabeis bem que não diz a verdade.

Entretanto, como pode acontecer que alguns se comprazam em passar muito tempo comigo? Já ouvistes, cidadãos atenienses, eu já vos disse toda a verdade: é porque tomam gosto em ouvir examinar aqueles que acreditam ser sábio e não o são; não é de fato coisa desagradável. E, como disse, foi o deus que me ordenou fazê-lo, com oráculos, com sonhos e com outros meios, pelos quais algumas vezes a divina vontade ordena a um homem que faça o que quer que seja.

Tudo isso, cidadãos atenienses, é verdade e fácil de se provar. Com efeito, suponhamos que, entre os jovens, há alguns que estou corrompendo e outros que já corrompi: seria aparentemente inevitável que alguns destes, quando tiveram mais idade, compreendessem que eu lhes tinha alguma vez aconselhado uma ação má — e hoje deveriam estar aqui para me acusar e vingar-se de mim. Suponhamos, ainda que eles não tenham querido vir pessoalmente: mesmo assim, alguns dos seus parentes, pais, irmãos ou pessoas da família, se algum dia receberam danos da minha parte, agora se deveriam recordar e tirar vingança.

Mas eis que vejo aqui presentes muitos desses: primeiro, Críton, meu coevo e do mesmo *demos*, pai de Critóbulo; depois, Lisânias Sfécio, pai de Ésquines; e, ainda Antifonte de Cefísia, pai de Epígenes, além destes outros cujos irmãos estiveram comigo na intimidade: Nicostrato, filho de Teozótides e irmão de Teodoto (e Teodoto, que já é falecido, não poderia impedir Nicostrato de falar contra mim!). E há, ainda, Paralo de Demódoco, irmão de Teageto, e Adimanto de Ariston, do qual é irmão Platão, e Aiantáodoro, de que é irmão Apolodoro. E muitos outros eu poderia citar, alguns dos quais especialmente deveriam ter sido apresentados por Meleto como testemunhas, no seu discurso. Mas se agora se esquivam, aos presentes aqui eu lhes permito dizerem se há qualquer coisa dessa natureza. Mas, vós, ó juízes, sois de parecer contrário, achareis que todos estão prontos a me ajudar. Em verdade, os próprios corrompidos por mim talvez tivessem razão de me ajudar; mas

incompactíveis homens já de idade avançada, parentes daqueles, que razão teriam para me ajudar senão aquela, reta e justa, convencidos de que Meleto mente e que eu digo a verdade?

Assim seja, ó cidadãos: é mais ou menos isso que eu poderei dizer em minha defesa ou qualquer coisa semelhante. Provavelmente, porém, algum de vós poderá ficar encolerizado, recordando-se de si mesmo. Se sustentou uma contenda embora em menores proporções do que essa minha, pediu e suplicou aos juízes, com muitas lágrimas, trazendo aqui os seus filhos, e muitos outros parentes e amigos, a fim de mover a piedade a seu favor. Eu não farei certamente nada disso, embora vá ao encontro, como se pode acreditar, do extremo perigo. É possível que qualquer um, considerando isso, pudesse irritar-se contra mim, e, encolerizado por isso mesmo, desse o voto com ira. Se, de fato, algum de vós está em tal estado de alma, a mim me parece que poderei dizer-lhe o seguinte: Também eu, meu caro, tenho uma família, e bem posso, como Homero, dizer que não nasci “de um carvalho nem de um rochedo”, pois eu também tenho parentes e filhinhos, ó cidadãos atenienses: três, um já juvenzinho e duas meninas; mas, contudo, não farei vir aqui nenhum deles para vos rogar a minha absolvição¹³.

Por que razão não farei nada disso? Não é por soberbia, ó atenienses, nem por desprezo que eu tenha por vós; mas que eu seja corajoso ao menos defronte à morte, isto é outra coisa. Tratando-se de honra, não me parece belo, nem para mim nem para vós, para toda a cidade, que eu faça tal, na idade em que estou, e com este nome de sábio que me dão, seja ele merecido ou não. O fato é que me foi criada a fama de ser esse Sócrates em quem há alguma coisa pela qual se torna superior à maioria dos homens. Ora, se aqueles que, entre nós, têm a reputação de ser superiores aos demais, pela sabedoria, pela coragem ou por qualquer outro mérito, procedessem de tal modo, seria bem-feito.

Frequentemente já notei essa atitude, quando são elas julgadas, em pessoas que, malgrado a reputação de homens de valor que têm, se entregam a extraordinárias manifestações, inspiradas pela ideia de que será coisa terrível ter de morrer: como se, no caso em que vós

não os mandásseis à morte, devessem eles ser imortais. São, esses, homens que, a meu ver, cobrem a cidade de vergonha, e que poderiam suscitar entre os estrangeiros a convicção de que aqueles que os próprios atenienses escolheram, de preferência, para serem os seus magistrados e para as demais dignidades, não se diferenciam das mulheres!

É um procedimento, atenienses, que não deverá ser o vosso, quando possuídes reputação em qualquer gênero de valor que seja; e que não deveis permitir seja o meu, caso eu tenha alguma reputação, pois o que deveis fazer é justamente que se compreenda isto: que aquele que se apresenta no tribunal representando esses dramas lamentáveis será mais certamente condenado por vós do que o que permanece tranquilo.

Mas mesmo não fazendo caso da reputação, ó cidadãos, não me parece também justo suplicar aos juízes e evitar a condenação com rogos, mas iluminá-los e persuadi-los. Que o juiz não ceda já por isso, não dispense sentença a favor, mas a pronuncie retamente e jure não condescender com quem lhe agrada, mas proceder segundo as leis. Por isso, nem nós devemos habituar-vos a proceder contra o vosso juramento, nem vós deveis permitir que nos habituemos a fazê-lo.

Não espereis, cidadãos atenienses, que eu seja constrangido a fazer, diante de vós, coisas tais que não considero nem belas, nem justas, nem santas, especialmente agora, por Zeus, que sou acusado de impiedade por Meleto.

É evidente que, se, com todo o vosso juramento, eu vos persuadissem e com palavras vos forçasse, eu vos ensinaria a considerar que não existem deuses, e assim, enquanto me defendo, em realidade me acusaria, só pelo fato de não crer nos deuses.

Mas a coisa está bem longe de ser assim; porquanto, cidadãos atenienses, creio neles, como nenhum dos meus acusadores, e encarrego a vós e ao deus de julgar a mim, do modo que puder ser o melhor para mim e para vós.

Segunda Parte

A minha impassibilidade, cidadãos atenienses, diante da minha condenação, entre muitas razões, deriva também desta: eu contava com isso, e até, antes, me espanto do número de votos dos dois partidos. Por mim, não acreditava que a diferença fosse assim de tão poucos, mas de muitos: pois se somente trinta fossem da outra parte, eu estaria salvo¹⁴.

De Meleto, ao contrário, estou livre, me parece ainda, agora, e isso é evidente a todos: se Anito e Lícon não viessem aqui acusar-me, Meleto teria sido multado em mil dracmas, não tendo obtido o quinto dos votos¹⁵.

Eles pedem, pois, para mim, a pena de morte. Pois bem, atenienses, que contraproposta vos farei eu? A que mereço: não é assim? Qual, pois? Que pena ou multa mereço eu, que em toda a vida não repousei um momento, mas descuidando daquilo que todos têm em grande conta, a aquisição das riquezas e a administração doméstica, e os comandos militares, e as assembleias populares, e as altas magistraturas, e as conspirações, e os partidos que surgem na cidade, conservei-me na realidade de ânimo bastante brando para que pudesse, fugindo de tais intrigas, livrar-me delas, não indo aonde a minha presença não fosse de nenhuma vantagem nem para vós nem para mim mesmo? Voltava-me, ao contrário, para os lados aonde eu poderia levar, a cada um em particular, os maiores benefícios, procurando persuadir cada um de vós a não se preocupar demasiadamente com as suas próprias coisas, antes que de si mesmo, para se tornar quanto mais honesto e sábio fosse possível; a não cuidar dos negócios da cidade antes que da própria cidade; e preocupar-se, assim, do mesmo modo, com outras coisas. De que sou digno eu, tendo assim procedido? De um bem, cidadãos atenienses, se devo fazer uma proposta conforme o mérito; e um bem tal, que me possa convir. E, que convém a um pobre benemérito que tem necessidade de estar em paz, para vos poder exortar ao caminho reto? Não há coisa que melhor convenha, cidadãos atenienses, que nutrir um tal homem a expensas do Estado, no Pritaneu; merece-o bem mais que um de vós que tenha sido vencedor nos Jogos Olímpicos, na corrida de cavalos, de bigas ou de quadrigas! Esse homem faz com que vos sintais felizes; eu, porém, faço com que o sejais; ele, homem rico, não tem necessidade de que se cuide de sua subsistência, mas eu tenho necessidade. Portanto, se devo fazer uma proposta segundo a justiça, eis o que indico para mim: ser, a expensas do Estado, nutrido no Pritaneu¹⁶.

Ao contrário, talvez vos pareça que eu, ainda falando disso, o faça com arrogância, pouco mais ou menos como quando falava da consideração e dos rogos; mas não é assim, cidadãos atenienses, antes é deste modo: estou persuadido de que não ofendo ninguém por minha vontade, mas não vos posso persuadir também disso, porque o tempo em que estamos raciocinando juntos é brevíssimo; e eu creio que, se as vossas leis, como as de outros povos¹⁷, não decidissem um juízo capital em um dia, mas em muitos, vos persuadiria: ora, não é fácil, em pouco tempo, destruir grandes calúnias.

Estando, pois, convencido de não ter feito injustiça a ninguém, estou bem longe de fazê-la a mim mesmo e dizer, em meu dano, que mereço um mal, e me assinalar um de tal sorte. Que devo temer? É possível que eu não tenha de sofrer a pena que me assinala Meleto e que eu digo ignorar se será um bem ou mal? E, ao contrário disso, deverei escolher uma daquelas que sei bem ser um mal, e propor-me essa pena? O cárcere? E por que devo viver no cárcere, escravo do magistrado que o preside, escravo dos Onze?¹⁸ Ou uma multa, ficando amarrado, enquanto não acabe de pagá-la? Seria, pois, o exílio que deveria propor como pena para mim? É possível que vós me indiqueis essa pena. Ah! eu teria verdadeiramente um amor excessivo à vida se fosse irrefletido ao ponto de não ser capaz de refletir nisto: vós que sois meus concidadãos acabastes por não achar meios de suportar meus sermões; estes se tornaram para vós um fardo bastante pesado e detestável para que procureis hoje livrar-vos dele; serão os meus sermões mais fáceis de suportar para os outros? Muito longe disso, atenienses!

Bela vida, em verdade, seria a minha, nesta idade, viver fora da pátria, passando de uma cidade a outra, expulso em degrado.

Sei bem que onde quer que eu vá, os jovens ouvirão os meus discursos como aqui: se eu os repelir, eles mesmos me mandarão embora, convencendo os velhos a fazê-lo; e, se não os repelir, os seus

pais e parentes me mandarão embora igualmente, com qualquer pretexto¹⁹.

Ora, é possível que alguém pergunte: — Sócrates, não poderias tu viver longe da pátria, calado e em paz? Eis justamente o que é mais difícil fazer aceitar a alguns dentre vós: se digo que seria desobedecer ao deus e que, por essa razão, eu não poderia ficar tranquilo, não me acreditaríeis, supondo que tal afirmação é, de minha parte, uma fingida candura. Se, ao contrário, digo que o maior bem para um homem é justamente este, falar todos os dias sobre a virtude e os outros argumentos sobre os quais me ouvistes raciocinar, examinando a mim mesmo e aos outros, e, que uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida, ainda menos me acreditaríeis, ouvindo-me dizer tais coisas. Entretanto, é assim, como digo, ó cidadãos, mas não é fácil torná-lo persuasivo.

E, por outro lado, não estou habituado a acreditar-me digno de nenhum mal. De fato, se tivesse dinheiro, me multaria em uma soma que pudesse pagar, porque não teria prejuízo algum; mas o fato é que não tenho. Só se quiserdes multar-me em tanto quanto eu possa pagar. Talvez eu vos pudesse pagar uma mina de prata; multo-me, pois, em tanto. Mas Platão, cidadãos atenienses, Críton, Cristóbolo e Apolodoro me obrigam a multar-me em trinta minas, e oferecem fiança: multo-me, pois, em tanto, e eles vos serão fiadores dignos de crédito.

Por não terdes querido esperar um pouco mais de tempo, atenienses, ireis obter, da parte dos que desejam lançar o opróbrio sobre a nossa cidade, a fama e a acusação de haverdes sido os assassinos de um sábio, de Sócrates. Porque, quem vos quiser desaprovar me chamará, sem dúvida, de sábio, embora eu não o seja. Pois bem, tivésseis esperado um pouco de tempo, a coisa seria resolvida por si: vós vedes, de fato, a minha idade. E digo isso não a vós todos, mas àqueles que me condenaram à morte. Digo, além disso, mais o seguinte a esses mesmos: É possível que tenhais acreditado, ó cidadãos, que eu tenha sido condenado, por pobreza de raciocínio, com os quais eu poderia vos per-suadir, se eu tivesse acreditado que era preciso dizer e fazer tudo, para evitar a condenação. Mas não é assim. Caí por falta, não de raciocínios, mas de audácia e impudência, e por não querer dizer-vos coisas tais que vos teriam sido gratíssimas de ouvir, choramingando, lamentando-me e fazendo e dizendo muitas outras coisas indignas, as quais, certo, estais habituados a ouvir de outros.

Mas, nem mesmo agora, na hora do perigo, eu faria nada de inconveniente, nem mesmo agora me arrependo de me ter defendido como o fiz, antes prefiro mesmo morrer, tendo-me defendido desse modo, a viver daquele outro.

Nem nos tribunais, nem no campo, nem a mim, nem a ninguém convém tentar todos os meios para fugir à morte. Até mesmo nas batalhas, de fato, é bastante evidente que se poderia evitar de morrer, jogando fora as armas e suplicando aos que perseguem: e muitos outros meios há, nos perigos individuais, para evitar a morte se se ousa dizer e fazer alguma coisa.

Mas, ó cidadãos, talvez o difícil não seja isso: fugir da morte. Bem mais difícil é fugir da maldade, que corre mais veloz que a morte. E agora eu, preguiçoso como sou e velho, fui apanhado pela mais lenta, enquanto os meus acusadores, válidos e leves, foram apanhados pela mais veloz: a maldade.

Assim, eu me vejo condenado à morte por vós; vós, condenados de verdade, criminosos de improbidade e de injustiça. Eu estou dentro da minha pena, vós dentro da vossa.

E, talvez, essas coisas devessem acontecer mesmo assim. E creio que cada qual foi tratado adequadamente.

Terceira Parte

Agora, pois, quero vaticinar-vos o que se seguirá, ó vós que me condenastes, porque já estou no ponto em que os homens especialmente vaticinam, quando estão para morrer. Digo-vos, de fato, ó cidadãos que me condenastes, que logo depois da minha morte vos virá uma vingança muito mais severa, por Zeus, do que aquela pela qual me tendes sacrificado. Fizestes isso acreditando subtrair-vos ao aborrecimento de terdes de dar conta da vossa vida, mas eu vos asseguro que tudo sairá ao contrário²⁰.

Em maior número serão os vossos censores, que eu até agora contive, e vós não reparastes. E tanto mais vos atacam quanto mais jovens forem e disso tereis maiores aborrecimentos.

Se acreditais, matando os homens, entreter alguns dos vossos críticos, não pensais justo; esse modo de vos livrardes não é decerto eficaz nem belo, mas belíssimo e fácilimo é não contrariar os outros, mas aplicar-se a se tornar, quanto se puder, melhor. Faço, pois, este vaticínio a vós que me condenastes. Chego ao fim.

Quanto àqueles cujos votos me absolveram, eu teria prazer de conversar com eles a respeito deste caso que acaba de ocorrer enquanto os magistrados estão ocupados, enquanto não chega o momento de ir ao lugar onde terei de morrer. Ficai, pois, comigo este pouco de tempo, ó cidadãos, porque nada nos impede de conversarmos todos juntos, enquanto se pode. É que a vós, como meus amigos, quero mostrar que não desejo falar do meu caso presente. A mim, de fato, ó juízes — uma vez que, chamando-vos juízes, vos dou o nome que vos convém — aconteceu qualquer coisa de maravilhoso. Aquela minha voz habitual do demônio em todos os tempos passados me era sempre frequente e se opunha ainda nos mais pequeninos casos, cada vez que fosse para fazer alguma coisa que não estivesse muito bem. Ora, aconteceram-me estas coisas, que vós mesmos estais vendo e que, decerto, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males; pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante todo o discurso. Em todo esse processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato, nem a palavra alguma.

Qual suponho que seja a causa? Eu vo-la direi: em verdade este meu caso arrisca ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, quando pensamos que a morte é um mal. E disso tenho uma grande prova: que, por muito menos, o habitual signo, o meu demônio, se me teria oposto, se não fosse para fazer alguma coisa de bem.

Passemos a considerar a questão em si mesma, de como há grande esperança de que isso seja um bem.

Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. Se, de fato, não há sensação alguma, mas é como um sono, a morte seria um maravilhoso presente. Creio que, se alguém escolhesse a noite na qual tivesse dormido sem ter nenhum sonho, e

comparasse essa noite às outras noites e dias de sua vida e tivesse de dizer quantos dias e noites na sua vida havia vivido melhor, e mais docemente que naquela noite, creio que não somente qualquer indivíduo, mas até um grande rei acharia fácil escolher a esse respeito, lamentando todos os outros dias e noites. Assim, se a morte é isso, eu por mim a considero um presente, porquanto, desse modo, todo o tempo se resume em uma única noite.

Se, ao contrário, a morte é como uma passagem deste para outro lugar, e, se é verdade o que se diz que lá se encontram todos os mortos, qual o bem que poderia existir, ó juízes, maior do que este? Porque, se chegarmos ao Hades, libertando-nos destes que se vangloriam de serem juízes, havemos de encontrar os verdadeiros juízes, os quais nos diriam que fazem justiça acolá: Minos e Radamante, Éaco e Triptolemo, e tantos outros deuses e semideuses que foram justos na vida; seria então essa viagem uma viagem de se fazer pouco caso? Que preço não serieis capazes de pagar, para conversar com Orfeo, Museo, Hesiodo e Homero?

Quero morrer muitas vezes, se isso é verdade, pois para mim, especialmente, a conversação acolá seria maravilhosa, quando eu encontrasse Palamedes e Ajax Telamônio²¹ e qualquer um dos antigos mortos por injusto julgamento. E não seria sem deleite, me parece, confrontar com os seus os meus casos, e, o que é melhor, passar o tempo examinando e confrontando os de lá com os de cá, os últimos dos quais têm a pretensão de conhecer a sabedoria dos outros, e acreditam ser sábios e não são. A que preço, ó juízes, não se consentiria em examinar aquele que guiou o grande exército a Troia, Ulisses, Sísifo²², ou infindos outros? Isso constituiria inefável felicidade.

Com certeza aqueles de lá mandam a morte por isso, porque, além do mais, são mais felizes do que os de cá, mesmo porque são imortais, se é que o que dizem é verdade.

Mas, também vós, ó juízes, deveis ter boa esperança em relação à morte, e considerar esta única verdade: que não é possível haver algum mal para um homem de bem, nem durante sua vida, nem depois de morto; que os deuses não se desinteressam do que a ele concerne; e que, por isso mesmo, o que hoje aconteceu, no que a mim concerne, não é devido ao acaso, mas é a prova de que para mim era melhor morrer agora e ser libertado das coisas deste mundo. Eis também a razão por que a divina voz não me dissuadiu, e por que, de minha parte, não estou zangado com aqueles cujos votos me condenaram, nem contra meus acusadores.

Não foi com esse pensamento, entretanto, que eles votaram contra mim, que me acusaram, pois acreditavam causar-me um mal. Por isto é justo que sejam censurados. Mas tudo o que lhes peço é o seguinte: Quando os meus filhinhos ficarem adultos, puni-os, ó cidadãos, atormentai-os do mesmo modo que eu vos atormentei, quando vos parecer que eles cuidam mais das riquezas ou de outras coisas que da virtude. E, se acreditarem ser qualquer coisa não sendo nada, reprovai-os, como eu a vós: não vos preo-cupeis com aquilo que não lhes é devido.

E, se fizerdes isso, terei de vós o que é justo, eu e os meus filhos.

Mas, já é hora de irmos: eu para a morte, e vós para viverdes. Mas, quem vai para melhor sorte, isso é segredo, exceto para Deus²³.

Apêndice

Os primeiros ensaios filosóficos levaram os sábios a formular as relações entre os indivíduos e a cidade. Daí resulta que os primeiros filósofos gregos foram legisladores: Licurgo, Sólon, Drácon, Epenemides, Bias, Pitacos, Periandro — homens de Estado, legisladores, magistrados, moralistas.

A filosofia era ação social.

Depois, vem Tales, o fundador da física, da geometria, da astronomia, da experiência objetiva; Anaximandro, o maior dos iônios, precursor de Demócrito, também físico, astrônomo, matemático. A escola iônica é a filosofia da natureza.

Depois, Anaxímenes, Heráclito, Empédocles de Agrigento, Anaxágoras, Demócrito, Ferecide, o mestre de Pitágoras, Xenófane. Agora já é a escola itálica. O fundador é Pitágoras, de Samos. Tudo se baseia no número, na forma, na harmonia — geometria, harmonia das esferas... O misticismo na matemática.

Célebres pitagóricos foram Filolau de Crotona, Timeu de Lacre, Arquita de Tarento, Ocelos da Lucânia, Símbias, Cebes, Apolônio de Tiana e Lísias, o mestre de Epaminondas.

A escola iônica é mais física que filosófica.

A escola itálica é mais baseada na ordem que preside a tudo no universo, na música, na harmonia do cosmos. Tendo por base a matemática, número e forma, é, entretanto, metafísica. Pitágoras aceitava as doutrinas egípcias da metempsicose ou transmigração das almas, através de novos corpos, em vidas sucessivas.

Em Eleias, na Itália meridional, floresce a terceira escola, a eleática.

É o idealismo absoluto, fora da realidade. Seu fundador é o poeta Xenófane, crítico ousado das duas escolas anteriores. Critica o antropomorfismo, o politeísmo dos contemporâneos. Critica a observação e as experiências dos sentidos da escola iônica. Para ele

só a inteligência pode chegar a compreender os princípios fundamentais da vida. Ridicularizou a metempsicose de Pitágoras, deturpando o sentido da transmigração das almas. Narra que Pitágoras se amargurava reconhecendo, no ganir de um cão maltratado, a voz de um amigo morto. Entretanto, a metempsicose, para Pitágoras, era apenas a transmigração das almas nos seres humanos e não dos homens para os animais.

A escola eleática negou o politeísmo e criou o monoteísmo, um Deus único, perfeito, identificado com o mundo. Também era escola metafísica.

Perménides e Zenon de Eleia continuaram a obra de Xenófane.

Para eles não há nascimento nem morte; tudo é eterno, imperecível.

Os sentidos nos enganam: tudo é aparência, por trás das aparências está a realidade.

Dentro desses problemas circulou a filosofia grega nas suas inquietações, nos primórdios daquela civilização de pesquisas e cogitações metafísicas.

Chegou-se à conclusão de que tais problemas eram insolúveis, daí veio o ceticismo, mais dúvidas e mais inquietações e apareceram então *os sofistas*.

Por si mesma a verdade já não existia, mas apenas existia na mente humana. Tudo era ilusão. As coisas podiam ter dois sentidos, dependendo do conceito que a mente humana lhes desse.

Os sofistas rejeitam o absoluto dos eleatas, desprezam o testemunho dos sentidos, não têm em conta a experiência objetiva: preparam o futuro do subjetivismo.

Os sofistas não podem ser julgados em bloco, coletivamente. Houve os que venderam o talento e a palavra fácil, atacando e defendendo as mesmas teses, e houve grandes na sua nobreza.

Notáveis foram Górgias e Hípias, Protágoras e Pródico.

Entre os sofistas, Zenon negava o movimento. A resposta de Diógenes foi andar...

Protágoras, por haver negado a existência dos deuses, foi condenado como ímpio e seus livros queimados nas praças públicas de Atenas. Morreu quando fugia. Nossos, Metrodoro de Quios, Diômenes de Smirna, Anaxarque de Abdera são os herdeiros ou discípulos de Demócrito, são os céticos, formando um grupo à parte.

Anaxarque foi o mestre de Pirro, do qual nasceram os pirrônicos...
Sócrates destacou-se vantajosamente do grupo de sofistas.

Empédocles, Anaxágoras, Protágoras, Demócrito, Hipócrates...
Sócrates ultrapassou a todos.

Heráclito, Demócrito, Empedócles são os precursores de Epicuro.

Sócrates e os sofistas

Entre os sofistas houve homens muito virtuosos. Não apenas Górgias, mas também Pródico foi admirável. Como o povo e os grandes, “essas duas populações”, desprezavam os sofistas. Platão e Xenofonte procuraram separar Sócrates daqueles. Xenofonte e Platão não tiveram remédio senão elogiar ou agradecer aos sofistas os seus ensinamentos, contradizendo-se, no entanto. Nem sempre houve costumes puros entre eles, é verdade, mas justamente a razão pela qual separam Sócrates deles é a razão que os aproxima: Sócrates achava com eles que o homem só se deve preocupar com as coisas humanas. A mais alta arte devia ser a arte de ser homem e de fazer crescer e prosperar o que há de humano em cada um de nós. Sócrates foi o maior e o melhor dos sofistas.

Daí resulta que grande número de afirmações metafísicas de Platão, atribuídas a Sócrates, são falsas. Não são de Sócrates, que não se limitava a sonhar, porque preferia ficar na terra, aperfeiçoando os homens.

Os sofistas aproveitaram-se do descrédito das especulações das escolas filosóficas, do ceticismo, em uma época em que a realidade exigia a aplicação prática dos conhecimentos, quando se constituíam os governos democráticos e todos nutriam o desejo de se instruir para se tornar dignos de ocupar os cargos mais altos da democracia. E tornaram-se os mestres dessa falsa cultura variada, brilhante, palavrosa, eloquente, fácil, eficaz, retórica, cultura que pretende vencer pelo número de palavras e pela elegância do gesto, como pelo timbre da voz.

Esses sofistas eram ricos, vestiam-se luxuosamente, tinham maneiras finas, elegância que deslumbrava os moços, os quais lhes pagavam caro a aprendizagem bacharelesca das palavras banais e cintilantes. Falavam sobre qualquer assunto, pró ou contra, segundo o desejo de cada um ou as circunstâncias do momento.

Os sofistas eram vistos nos lugares públicos, seguidos de um cortejo deslumbrante de admiradores e discípulos.

Sócrates

Sócrates procurou escrever no coração e na razão dos homens. Não deixou nada escrito, daí que cada qual dos seus chamados discípulos o fez à sua imagem e semelhança.

Todos mais ou menos o deturparam.

Platão criou um Sócrates retórico, disputador. Abusa de seu prestígio, pondo todos sob sua influência, inclusive seus detratores e inimigos; aproveita-se desse prestígio e desvia o ensinamento humano, do método experimental em filosofia, para criar a oratória, a retórica, a sutileza da palavra.

Xenofonte faz de Sócrates um cidadão respeitador das leis, como convém a um soldado.

Ésquines chega a fazer a *Apologia de Sócrates*, parece, com os diálogos que Xantipa entregou ao salsicheiro Carinos, pai de Ésquines, diálogos esses escritos pelo próprio Sócrates... E todos sabem que Sócrates nada deixou escrito.

Fédon também deformou Sócrates.

Xenofonte nunca foi filósofo e, para provar a inocência de Sócrates, afirma que o sábio ateniense obedecia às leis e, por isso, acha ilegal a sua condenação.

Entretanto, Sócrates foi condenado em conformidade com as leis. Daí que “a morte de Sócrates condena justamente a lei e a cidade...”

O sábio filósofo nunca respeitou as leis dos homens senão quando eram humanas — para viver de acordo com a sua consciência, de acordo com as leis naturais, as leis cósmicas, que ele denominava as *leis não escritas*.

Como Ésquines, Xenofonte e Fédon escreveram, já velhos, de memória, os diálogos socráticos.

Antístenes, apelidado “o cão”, o bastardo, apesar das restrições de Sócrates: “eu vejo o teu orgulho através dos buracos do teu manto”... foi o verdadeiro discípulo de Sócrates.

Han Ryner, em seu livro sério e profundo, *Les Véritables Entretiens de Socrates*, estuda os quatro livros de Antístenes.

“Sócrates ensinava a ser homem e não a ser cidadão”, diz o filósofo francês pela boca de Antístenes. E mais: “A virtude se recusa a matar; mas toda pátria exige que eu mate aquele que ela chama inimigo. Se não consigo matá-lo hoje, é possível que amanhã ele se torne nosso aliado e a pátria exigirá que eu o auxilie a assassinar meu amigo de hoje.”

“Homens virtuosos ter-se-iam recusado a preparar a cicuta para Sócrates ou conduzi-lo à prisão. Mas os olhos da lei que lhes ordenava essas coisas, eram corrompidos.”

A virtude não obedece senão à própria consciência. Nada tem a ver com as leis.

Sócrates não deve ter dito o vocativo: ó cidadãos atenienses, e sim: ó homens atenienses... porque, para Sócrates, “o cidadão é o cadáver de um homem...”

“Quantas coisas esse jovem me empresta, nas quais eu nunca teria pensado”, diria Sócrates de Platão...

Sócrates não tinha na dialética a confiança de Platão, daí que Platão exagerava o método socrático. Sócrates não discutia. Interrogava, partindo de ideias gerais, aceitas por todos, e conduzia as interrogações de modo a fazer o interlocutor descobrir, por si mesmo, o que desejava saber. Dizia Sócrates, pela boca de Antístenes ou de Han Ryner: “Mas, se nenhuma palavra tem o mesmo sentido para dois homens? Uma vez que uma palavra, qualquer que seja, tem, necessariamente, tantos sentidos quantos homens a pronunciam, toda disputa é absurda. Se disputas comigo, é que falas de uma coisa, enquanto eu falo de outra. Mas tu disputas porque acreditas que podemos falar da mesma coisa.”

Como os seus discípulos fazem supor, a interrogação socrática é discussão; entretanto, nada mais errôneo. O filósofo procurava fazer raciocinar. Tirava de dentro de cada ser o que lá estava sufocado pelo raciocínio falso ou pela preguiça mental. E, para fazer refletir, ajudava ao interlocutor, com reflexões, ao alcance de cada qual.

Acusação de Meleto

“Meleto, filho de Meleto, da povoação de Lampsaca, acusa Sócrates, da povoação de Alópece. Sócrates viola as leis negando os deuses que honram a cidade, nela introduzindo novos deuses; e é culpado de corromper a mocidade. Pena: a morte.”

Mas não foram Meleto, Anito ou Lícon que mataram Sócrates. Foi a cidade, foram as leis escritas, foram os cidadãos.

Antístenes condena os três como cidadãos, porque deixaram de ser homens para obedecer à cidadania.

Meleto, poeta trágico medíocre, era o mais encarniçado inimigo de Sócrates, o mais ativo, o motor da denúncia. Anito, curtidor e negociante de peles, era a bolsa, o prestígio, influente no governo popular, era o real inimigo do filósofo. Lícon, retórico, medíocre e desconhecido, é o terceiro comparsa necessário à acusação.

Sócrates e os deuses

Sim. Sócrates era culpado aos olhos da lei. Sócrates não honrava os deuses da cidade. Mesmo Platão, *em Eutifron*, cita algumas frases de Sócrates quanto à religião, ridicularizando essa aliada das leis escritas, mãe de crimes e de miríades de tolices.

Sócrates dizia que Deus não se assemelhava a nenhum ser que conhecemos ou possamos conhecer, e que é ímpio representá-lo por imagens. Dizia que “cada homem é um caso, mas há em cada ser humano um deus, o qual, se tu quiseses, ordenará, em cosmos e em felicidade, o teu caos doloroso”.

Quando um discípulo lhe pergunta se devia consultar os deuses, Sócrates responde: “Não há nenhuma razão para perguntar aos deuses o que podes saber por ti mesmo. Quanto às coisas que podes por ti mesmo, elas não te dizem respeito em nada, e os deuses, se são razoáveis, não consentirão em satisfazer tuas vãs curiosidades.”

E Sócrates não acreditava nos que falavam em nome dos deuses, da pátria, das leis escritas, da opinião pública ou da honra...

Contentava-se em se entreter com as coisas que estão ao alcance de todos. O que é justo ou injusto. Não se perdia em especulações insolúveis. Limitava-se à ação: o que se deve ou não fazer em tal caso.

Justas as duas acusações, segundo as leis: Sócrates não acreditava nos deuses que a cidade honrava. Desrespeitava as leis, portanto. Sócrates introduzia muitas divindades novas, porque dizia que cada homem é um deus, havendo, portanto, tantos deuses novos quantos homens há... É o demônio, a voz da consciência, a voz da razão.

Sócrates corrompe a mocidade

Para os legisladores, para os que têm fé nas leis, para os tiranos, magistrados, patriotas, cidadãos, Sócrates é o corruptor da juventude. Aristófanes, muito antes de Meleto, formulara tal acusação.

Sócrates sustentava que ninguém pode amar a lei e a pátria por elas mesmas e com sinceridade de coração.

“Era corruptor com a verdade.”

“O senhor chama de corrompido o escravo que lhe não obedece, e chama corruptor o que não aconselha o escravo a obedecer ao senhor.”

“Para a lei, Sócrates corrompia a mocidade. Mas Sócrates sabia que é a lei que corrompe todos os homens.”

“Aquele que te aconselha: ‘Obedece à lei’ é um corruptor aos olhos do filósofo. Mas o que te aconselha: ‘Obedece à tua consciência’ é um corruptor aos olhos do povo e dos magistrados.”

O diálogo de Sócrates e Platão, em torno do “*Conhece-te a ti mesmo*”, é belíssimo. A palavra de Sócrates: Eu sou cidadão do mundo, foi uma resposta a Platão quando disse: eu sou cidadão de Atenas.

E quando Platão afirmava altivamente a sua realização interior, Sócrates lhe chamava a atenção para fazer a diferença entre a sua fantasia e a sua razão.

Aqui, neste diálogo, está toda a razão de ser do *Conhece-te a ti mesmo*, aplicado à filosofia de Sócrates:

Platão: — Sem definição não se pode discutir...

Sócrates: — Que necessidade tens tu de discutir, por que razão nos damos à filosofia?

Platão: — Em verdade, se não é para discutir, por que nos damos à filosofia?

Sócrates: — Para aprender a bem viver, meu Platão.

Era para isso que Sócrates conversava com quantos encontrava: para prevenir uma ação má. Platão mesmo narra o seu encontro com o padre Eutífron. Eutífron ia denunciar seu próprio pai, por impiedade. Sócrates ia responder à acusação de Meleto. Esqueceu-se de si mesmo, demorou-se a falar com o padre, que terminou renunciando a denunciar seu pai.

“Duas vitórias: Sócrates fez esquecer a Eutífron que Eutífron era padre e cidadão, e fez lembrar a Eutífron que Eutífron era homem e era filho.” Mas Sócrates corrompia a mocidade, e “dava de graça os verdadeiros bens; todos os vendedores de falsos bens o odiavam: magistrados, oradores, poetas, mercenários”.

O acusador de Sócrates dizia ainda: “Sócrates persuadia a seus discípulos de que ele os tornava mais sábios que seus pais, as sim destruía neles o respeito filial.”

Será necessário dizer, incondicionalmente, que meu pai ou minha mãe têm sempre razão? É isso o respeito filial? Se meu pai está em desacordo com minha mãe? E se ambos estão em desacordo comigo mesmo? E se minha consciência os condena? O respeito filial, nesse caso, pode ser covardia, tolice ou servilismo, hábito ou hipocrisia.

* * *

Sócrates entretém com Alcebiades um diálogo sobre as leis escritas e não escritas. Quando o cidadão desrespeita as suas próprias leis ou leis escritas, é com o fim de fazer tirania ou para defender interesses próprios. Mas o que sabe respeitar as leis não escritas, esse, nada tem que ver com as leis dos homens, porém, outros motivos são os que o impedem de desrespeitar as leis dos cidadãos. Crítias e Alcebiades eram tiranos: não respeitavam as leis escritas... Sócrates não respeitava as leis escritas porque era filósofo... contra os tiranos, contra todas as tiranias...

“Nenhuma ameaça ou nenhum suplício obterão que eu cometa injustiça, que eu diga mentiras ou que deixe de pesquisar a verdade”, dizia Sócrates.

Sócrates e o problema da não violência

Platão um dia disse a Sócrates:

“— Tu te injurias, caro Sócrates, e tu te conduziste bravamente nos combates.”

Sócrates respondeu:

“— Ouviste dizer que em Délium salvei a vida de Xenofonte e, em Potideia, a vida de Alcebíades. Ouviste jamais dizer que matei alguém?

“— Terias morto, se fosse preciso.

“— É preciso nunca matar, jamais ferir.

“— Mesmo se tu és ferido?

“— Mesmo se me batem.”

Aristófanes, o poeta cômico, estava entre os que escutavam. Exclamou:

“— O que acabas de dizer, ó Sócrates, é indigno não somente de um ateniense, mas de um homem.”

E bruscamente bateu em Sócrates com o pé. Não menos bruscamente deu um pulo para trás, afastando-se da força prodigiosa de Sócrates. Sócrates respondeu com um sorriso. Antístenes pulou ao pescoço de Aristófanes. Sócrates o tirou das mãos de Antístenes. Aristófanes se afasta envergonhado e rancoroso. Antístenes explica, então, a razão pela qual, ao entrar em casa, Aristófanes começa a escrever a comédia *As nuvens*, vingando-se do mal que fez, injustamente, a Sócrates e do bem que o sábio espalhou naquele exemplo de serenidade para as ofensas e bondade para os perversos.

Antístenes se insurge contra Platão que, depois da morte de Sócrates, louvou muitas vezes a Aristófanes. E mais: no *Banquete*, oito anos depois de *As nuvens*, mostra-nos o desprezível Aristófanes e o grande Sócrates conversando como dois iguais, como dois amigos!

* * *

Sócrates entretém admirável diálogo sobre a paz com Xenofonte e Alcebíades, que queriam a guerra em grande estilo... com a Ásia.

Platão, para agradar ao tirano de Siracusa, escreveu *A república* e *As leis*. São esses os discípulos de Sócrates!...

Sócrates e o dinheiro

Arístipo enviou um escravo com vinte minas a Sócrates. Sócrates se recusa a aceitá-las, dizendo que o seu deus lhe proibia aceitar qualquer dinheiro. E dizia ainda: “Nenhum verdadeiro bem pode ser trocado por dinheiro. E, no país das almas, no país dos verdadeiros bens, nada do que aqui está à venda merece ser comprado.”

Aceitar dinheiro de quem quer que seja, segundo ele, é “entregar-se, sem compensação, a um senhor, e cair na mais vergonhosa das servidões”.

Era sóbrio em tudo. Dizia: “Respeita em teu estômago e em tua cabeça dois servidores de teu espírito.”

“O espírito que se inquieta com mil necessidades por ele criadas para o seu corpo, acreditas que seja mais livre que o espírito que se pode entregar inteiramente, ou mais ou menos inteiramente, aos belos pensamentos?” — perguntava Sócrates. “Para mim — dizia ainda — creio que, se há deuses, sua felicidade consiste em estar isentos de toda necessidade. O homem não poderia gozar uma felicidade tão completa. Mais diminui suas necessidades, porém, mais se aproxima das condições divinas. E, se o divino te parece o perfeito, mais o homem diminui suas necessidades, mais se aproxima da perfeição.”

Este trecho, pequenino e profundo, vale por uma profissão de fé austera de ascetismo estoico. E Sócrates “era superior às fraquezas do amor, indiferente às delicadezas da mesa, paciente com os frios mais rigorosos, do mesmo modo que com os calores mais sufocantes. Nenhuma fadiga o fazia lamentar-se, nem interromper o que devia fazer. Seus discursos ensinavam as mesmas virtudes que seu exemplo”.

E era assim que Sócrates corrompia a juventude...

Tudo em Sócrates é profundamente, altivamente humano. E, entretanto, os discípulos, principalmente Platão, “transformam em

palavras cívicas, palavras que foram ousadamente e rigorosamente humanas” .

Proclama sempre que só sabe que nada sabe, enquanto seus discípulos só se aplicam em se louvar e se proclamar os melhores e os mais sábios dos homens. E demonstra, com o seu próprio exemplo, que “o filósofo se reconhece pelos atos e não pelas palavras”.

Xenofonte

“Xenofonte, diz Han Ryner, mentiroso como um soldado, escreve como se recuasse. Atribui a Sócrates milhares de covardias que indignariam a Sócrates, se ele as pudesse conhecer, e que o poupariam da cicuta, se fosse capaz de consentir nelas.”

Apaixonado pela guerra, Xenofonte faz de Sócrates quase um elogiador das guerras... ele que era contra toda e qualquer violência.

Xenofonte conta, mentirosamente, que Sócrates oferecia frequentes sacrifícios em sua casa ou em altares públicos. Antístenes desmente, dizendo que em sua casa nunca viu Sócrates sacrificar. E, se as circunstâncias o obrigavam a sacrificar em público, obedecia a outras leis e costumes, desde que costumes e leis não causavam mal a ninguém. Mas, se o fazia, era zombando, com ironia, dando ainda uma lição de independência. Nunca no sentido da religião popular, como dá a entender Xenofonte.

Para defender as leis da Lacedemônia, Xenofonte utiliza-se contra as leis de Atenas, das palavras de Sócrates, demolindo todas as leis dos homens. Assim como Platão as utiliza para escrever as suas leis, nota Antístenes, como se Sócrates apenas demolisse as leis já feitas e não as que Platão ainda pretendesse fazer...

Mas Xenofonte é soldado, admira e respeita e ama a disciplina militar, a autoridade dos homens e as leis escritas,. criou, pois, um Sócrates cidadão, respeitador das leis.

Antístenes

Antístenes escreveu a *Apologia de Sócrates* em quatro livros. Escreveu ainda: *Satão* ou *A disputa*, diálogo em três livros. *O grande Heracles*, *O bastão*, *Dos sofistas*, e muitos outros diálogos. É esse “cão” de Sócrates que morde Xenofonte e Platão e todos os inimigos dos filósofos.

Antístenes, durante o processo de Sócrates e os dias que se seguiram à sua condenação, desesperado diante do inevitável, revoltado, louco de dor, fugiu a toda e qualquer presença, para apenas viver junto de Sócrates até os últimos momentos do filósofo. Depois, fugiu de toda gente, na angústia de uma perturbação irritante contra a maldade, a incompreensão e imbecilidade humana que condenam um Sócrates, cuja pureza ninguém queria ver. Dois anos mais tarde, quando saía dessa quase alucinação, Antístenes lê a *Apologia de Sócrates*, de Platão. E resolveu, então, escrever a descrição, tão fiel quanto possível, dos diálogos de Sócrates.

Platão não assistiu aos últimos momentos de Sócrates. Estivera doente dois dias... Só no dia seguinte ao da morte do mestre, Platão estava nas ruas de Atenas... Platão dissera a Críton e a Fédon argumentos engenhosos em favor da imortalidade da alma e encarregara os dois amigos de transmitir a Sócrates mil palavras de conforto. Críton levava ainda, sob o manto, um livro de Anaxágoras, para ler passagens aprovadas ou desaprovadas por Platão. Assim, foram os discípulos que discorreram acerca da imortalidade da alma, transmitindo, um deles, a Sócrates, o conforto de Platão, através do seu pensamento. Fédon e Críton recitaram as palavras ditadas por Platão, relativamente à imortalidade da alma. Eram certezas e doutrinas que Platão encerra em um corpo de ideias suas, e as põe na boca de Sócrates, em Fédon. As objeções de Cebes e Símiias têm por fim dar mais força à vitória do dogma da imortalidade de Platão.

Mas Antístenes esteve sempre vigilante...

Nada disso desmerece a beleza da obra de arte de Platão. A *apologia*, de Platão, é um poema de aticismo, de sobriedade, de grandeza épica do heroísmo, de uma coragem rara em todos os séculos e que honra o gênero humano. Platão soube pintar, com mãos de mestre, a figura apolínea de virilidade moral desse gênio da Grécia que foi Sócrates.

Embora façamos, individualmente, muitas restrições quanto à *Apologia*, diante do estudo magnífico de Han Ryner: *Les Véritables Entretiens de Socrates*, vemos, nesses diálogos de Platão, páginas de uma beleza incomparável.

Antístenes o acusa muito, mas, também lhe faz justiça: ninguém o iguala em beleza, em doçura, em talento, sonoridade, quando é sincero, quando é simples, justo, e quando faz calar a sua personalidade.

Platão

Platão se perdeu em um emaranhado de cultura, de doutrinas diversas que ele quis harmonizar em um todo platônico... Daí que Antístenes o acusa de plágio. Tudo é contradição em Platão: o seu método, a psicologia, a moral, a metafísica. Era ousado, às vezes, outras reacionário e autoritário. Na sua *República* suprime a propriedade individual e a família, fontes de discórdias e hostilidade. A propriedade é do Estado. Precursor do comunismo... É uma utopia comunista a *República* de Platão.

Perdoamos a Platão não ser sincero muitas vezes, porque Platão teve ideias geniais. Pregou a vida simples, a volta à natureza, a limitação da natalidade. Foi malthusiano antes de Malthus. Foi anarquista antes de Reclus e Kropotkine. Criticou, com talento, os demagogos e os protetores do povo, todos os salvadores das pátrias. Mas, depois, elogiou aqueles mesmos que criticara... Homens de Estado que desprezou antes, passa a elogiar com palavras magníficas e ritmadas. No fim do diálogo intitulado *Menon*, elogia homens de Estado atenienses, ele que condenara todos os políticos. Suas contradições e dúvidas o levam a se desdizer muitas vezes. Demais, adotou as opiniões de Heráclito, adotou as de Pitágoras, aproveitou-se de Sófron e Epicarme, poetas cômicos, aproveitou-se do que aprendeu com os padres do Egito e apresenta tudo como se fosse seu. Esteve na Sicília, na Magna Grécia, no Egito. Por toda parte saqueou...

Repetiu o que disse Antístenes: todo homem de Estado é um malfeitor... e elogiou homens de Estado.

Pôs-se a serviço de Dionísio, tirano de Siracusa. Não entraram em acordo, com relação aos planos da realização da sua *República*, e diz a história que Platão foi reduzido à condição de escravo, por Dionísio, o que aliás honra Platão — que não estava disposto a se

submeter à vontade do tirano. Foi salvo, resgatado pelo amigo e discípulo Anicéris (Diógenes Laércio).

Depois disso, Platão escreve as *Leis*, livro quase oposto à *República*, conservador, autoritário, reacionário. Seria a sua experiência de Siracusa?...

Foi também precursor de Augusto Comte: acreditava que os melhores e mais aptos podiam governar bem, e... tinha ideias anarquistas... Dizia:

“Enquanto os filósofos não forem reis ou os reis e príncipes deste mundo não tiverem o valor e o poder da filosofia, e a sabedoria e aptidão para governar não se encontrarem reunidas no mesmo homem... não terminarão os males das cidades nem da raça humana.”

O problema político para Platão é educar e selecionar os melhores para governar.

O problema psicológico é o poder nas mãos dos filósofos: reis-filósofos, matemáticos-filósofos.

A solução é tirar as crianças do seu meio pervertido: levá-las para o campo. Esperar o desabrochar dos talentos, educação generalizada, igual para todos. Se joeirmos nos diálogos de Platão, também descobriremos que foi ainda o precursor de Freud. Teve intuição do que há de profundo no sexo.

Nas *Leis*, o exame pré-nupcial foi tratado por Platão.

Assim é que Platão tratou de todos os problemas humanos.

Não teve o desprendimento de Antístenes para propagar:

“Quando uma época tem a felicidade de possuir um Sócrates, é só a ele que convém escutar.” E Antístenes não teve discípulos enquanto Sócrates viveu. Dizia: “Aprendereis comigo daquele que me ensina; a água é mais fresca e mais sã, quando bebida na fonte.” Morava no Pireu. Todas as manhãs andava quarenta estádios para ouvir Sócrates. Platão não foi tão longe...

A apologia de Sócrates

Indiferente às leis escritas e à justiça dos homens, dos magistrados que mudam ao sabor dos tempos e dos costumes, indiferente à morte, Sócrates não se preocupou com sua defesa. Defendeu apenas seu pensamento, sua consciência incorruptível que, ainda naquele momento, lhe ordenava dar a última lição de filosofia prática aos atenienses, ensinando-lhes o que verdadeiramente é justiça, o que deve ser a compreensão humana, que manda respeitar e obedecer a preceitos muito mais altos que as leis pequeninas e cruéis dos homens.

Sócrates era altamente humano:

“Violais as leis escritas, como tiranos, eu as violo como um homem justo...” “Violais vossas leis por loucura, eu as violo por sabedoria. Obedeço às vossas leis quando elas se aproximam da justiça ou quando me parecem indiferentes. Desobedeço-lhes quando são injustas. Mas aquele que desobedece assim à lei é melhor que a lei.”

Essa devia ser a linguagem de Sócrates e é a de Han Ryner, esse Sócrates do século XX, quando estuda o sábio grego discorrendo pela boca de Antístenes, o “cão” do maior dos atenienses.

Xenofonte afirma que Sócrates acreditava na adivinhação e Antístenes o desmente com tais palavras:

“Não consultes aos deuses nem aos pássaros, não consultes nada e ninguém sobre aquilo que tu puderes saber por ti mesmo. Mas o que não podes saber por ti mesmo não tem nenhuma utilidade.”

Os juízes eram em número de 556; 275 votaram a favor de Sócrates; 281 votaram contra, Sócrates se regozijou com tal resultado. O que ele queria era conservar o pensamento não a vida. E a morte do seu corpo viria dar muito mais vida às altas verdades que seu pensamento e seu exemplo espalhavam tão devotadamente. Encarou sua morte como útil ainda às suas lições filosóficas como

gloriosa à causa da humanidade. E regozijou-se dela. Não defendeu sua vida.

Assim começa a *Apologia* de Antístenes ou de Han Ryner:

“Homens atenienses, meus acusadores falaram com astúcia e com eloquência. E vos puseram em guarda contra o que eles chamam a minha astúcia e a minha eloquência. Falaram como se combate e acreditam que eu vá falar como se combate. Enganam-se. Soldados de uma causa injusta e que quer a vida de um inocente, imaginam eles que esse inocente vai lutar por todos os meios para salvar sua vida. Ora, sou indiferente à minha vida, e, se falo, é por vosso interesse, não por mim. Porque eu vos amo e não me é indiferente o fato de cometerdes ou não uma injustiça. Mas os meios injustos ou covardes não me parecem próprios a combater a injustiça.”

Quando Antístenes, Arístipo — esse precursor dos anarquistas — Cebes, Ésquines, Símiias, conseguiram reunir a soma considerável, necessária para a fuga de Sócrates, comprados os carcereiros, tudo preparado, Ésquines propõe a Sócrates a fuga. Esse diálogo é magnífico de força moral:

“Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento. Conservando a vida, eu me tornaria indigno. Minha palavra, espalhada e amada, pode fazer algum bem. Não me peças que eu mate a minha palavra. outros juízes poderão se precaver contra a injustiça e outros inocentes poderão ser poupados. Seria covardia e crueldade não procurar salvá-los.”

Platão, nesse diálogo, substitui Ésquines por Críton, que era seu amigo. Atribui a Críton as palavras e sentimentos de Ésquines.

A fantasia de Platão aproveitou-se até mesmo da taça de cicuta...

Fédon e Críton eram os porta-vozes de Platão e eram eles que apresentavam o corpo de doutrinas como ficha de consolo para o mestre... que se bastava a si mesmo, e tinha o seu próprio “demônio”.

Porque Platão, apesar de tão doente... ensinara Fédon e Críton a recitar os argumentos que deviam apresentar na assembleia dos discípulos de Sócrates, no momento mesmo em que o mestre devia dizer o seu testamento filosófico.

Ausentando-se durante esse espetáculo de beleza e grandeza ética que deve ter sido a morte serena, imperturbável, desse gênio e desse santo, enviando os seus emissários, Platão achou meio de acrescentar mais uma coroa de glórias à sua vaidade. Sócrates escutava Críton e Fédon, com benevolência. De vez em quando,

buscava provar que a morte nada tem de horrível, seja ou não a alma imortal. Dizia apenas:

“— Se quereis, regozijai os vossos ócios com tais sonhos, como as crianças se divertem com os contos. Mas desde que se trate da questão de agir, esquecei tudo o que é sonho e tudo o que é conto, a fim de escutardes unicamente à vossa razão.”

Em *Fédon*, Platão inventa coisas absurdas, com as quais Sócrates nunca poderia concordar. Sócrates não discutia nem afirmava dogmas metafísicos. Considerava inúteis certas divagações dessa ordem. Era prático na sua filosofia da ação e não se preocupava com hipóteses da metempsicose senão como sonho e poesia. E Platão fala da metempsicose, afirmando, pela boca de Sócrates, coisas, em que nunca devia o sábio ateniense ter pensado.

Demais, o diálogo *Fédon* é todo um tratado de metafísica, é criação ou compilação de Platão, corpo de doutrinas. Como se Sócrates, tão simples, se preocupasse, no momento de morrer, de deixar para a posteridade todo um tratado de metempsicose! Sócrates já tinha vivido toda uma vida filosófica.

Diante da superioridade de Sócrates, diante da sua linha de conduta impecável, incorruptível, nos admiramos de que Platão, para não sacrificar a graça do seu estilo ático, tenha a ousadia de atribuir a Sócrates, como últimas palavras do seu testamento filosófico, a recomendação a Críton:

“— Devemos um galo a Esculápio. Não te esqueças de pagar essa dívida.”

Palavras já pronunciadas com o ventre gelado, quase morto. Seria possível que esse gênio filosófico, de atitudes definidas perante a vida inteira, não tivesse outras coisas a dizer, um segundo antes de expirar? Parece que Platão quis zombar ainda uma vez do velho filósofo, procurando fazê-lo descer à vulgaridade da população ateniense, a fim de se colocar noutro plano, mais alto, através da sua literatura e do seu prestígio filosófico, naquele tempo já vitorioso.

Tão diferente as expressões que esse outro heleno, Han Ryner, põe na boca de Sócrates, como seu testamento filosófico, atribuindo a Antístenes a *Apologia* do sábio. Diria Sócrates, momentos antes de morrer:

“Voltando-se, depois, para Ésquines, que louvara os deuses e a felicidade futura de Sócrates, disse o sábio:

“— Tens razão de te regozijar por mim. O remédio que me ofereceu o servidor dos Onze me vai curar da velhice e das enfermidades suas companheiras. E vejo com prazer que tu sonhas mil felicidades para mim. Eu as sonho também. Mas, seja pela felicidade que eu tive desta vez, seja pelas felicidades que hei de ter mais tarde, é preciso não louvar a nenhum outro deus senão a mim mesmo. Toda verdadeira felicidade é obra daquele que a experimenta. E não louves nenhum outro deus senão a mim próprio, pela minha cura que acabo de beber, porque quis. Nada devo a Esculápio e agirás loucamente se lhe sacrificares, por minha causa, mesmo o mais velho e o mais magro dos galos.”

Essas devem ter sido as últimas palavras de Sócrates, coerentes com toda a sua vida de estoico. Para ele não havia deuses senão o Deus interior de cada ser humano. E cada qual é o criador de si mesmo. E cada qual só pode iluminar a si mesmo.

“E para além dos deuses e das cidades, há uma harmonia maravilhosa que nosso conhecimento de nós mesmos é suficiente para realizar.”

E, fora disso: “tudo o que sei é que nada sei...”

“*Conhece-te a ti mesmo...*” — e Sócrates baseou a sua vida e sua filosofia na máxima do oráculo de Delfos.

Assim morreu essa voz humana daquela Grécia de beleza, graça e juvenilidade.

* * *

Platão via os homens acorrentados em uma caverna, desde a infância, sem poder se levantar, andar ou mesmo voltar a cabeça. Por trás deles brilha uma luz e só lhe veem os reflexos. Na sua frente passam as sombras, que os homens tomam como seres reais... A caverna é o nosso globo. As cadeias são as paixões, os prejuízos humanos ou melhor: desumanos... As sombras, o mundo, que tomamos como realidade, quando a realidade está na luz, da qual só apreciamos os reflexos... Quebrar as cadeias e sair do antro tenebroso, voltar-se para a luz — é o homem se tornar imortal pela beleza, pela justiça, pela bondade, pelo respeito à dignidade humana representada pela sua liberdade, pela consciência livre. Então o ser humano se descobre a si mesmo, realiza-se.

De Demócrito a Parmênides, de Pitágoras a Sócrates, de Anaxágoras a Platão, a voz da Grécia filosófica nos ensina essa mesma beleza da realização interior, através do oráculo do Templo de Delfos.

Conhecer-se. Realizar-se.

Para aprender a amar — nos ensina esse outro Sócrates do século XX.

É com prazer imenso que, no meio das loucuras dos nossos dias agitados, lemos as páginas da *Apologia de Platão*, essa joia que serviu de modelo à eloquência grega, à *Oração da coroa de Demóstenes*, e que ainda hoje nos deleita pela frescura ática, pela grandeza de um ciclo de gênios e de artistas.

Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso

1. Dom Casmurro, Machado de Assis
2. O príncipe, Nicolau Maquiavel
3. A arte da guerra, Sun Tzu
4. A República, Platão
5. Assassinato no Expresso do Oriente, Agatha Christie
6. Memórias de um sargento de milícias, Manuel Antônio de Almeida
7. Memórias póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis
8. Discurso do método, René Descartes
9. Do contrato social, Jean-Jacques Rousseau
10. Orgulho e preconceito, Jane Austen
11. Cai o pano, Agatha Christie
12. Seus trinta melhores contos, Machado de Assis
13. A náusea, Jean-Paul Sartre
14. Hamlet, William Shakespeare
15. Morte em Veneza, Thomas Mann
16. O cortiço, Aluísio Azevedo
17. Orlando, Virginia Woolf
18. Ilíada, Homero
19. Odisseia, Homero
20. Os sertões, Euclides da Cunha
21. Antologia poética, Fernando Pessoa
22. A política, Aristóteles
23. Poliana, Eleanor H. Porter
24. Romeu e Julieta, William Shakespeare
25. Iracema, José de Alencar
26. Apologia de Sócrates, Platão
27. Como vejo o mundo, Albert Einstein
28. A consciência de Zeno, Italo Svevo
29. A vida como ela é..., Nelson Rodrigues
30. Madame Bovary, Gustave Flaubert
31. O anticristo, Friedrich Nietzsche
32. Razão e sentimento, Jane Austen

33. Senhora, José de Alencar
34. O primeiro homem, Albert Camus
35. Kama Sutra, Vatsyayana
36. Esaú e Jacó, Machado de Assis
37. O profeta, Khalil Gibran
38. Dos delitos e das penas, Cesare Beccaria
39. Elogio da loucura, Erasmo de Roterdã

1) Espécie de banqueiros, nos pontos mais frequentados da praça do mercado. 𐤀

-
- 2) Aprendemos com os oradores que os juízes atenienses costumavam manifestar o consentimento ou a desaprovação de modo bastante ruidoso. ↵

3) Mais ou menos, Sócrates nasceu no primeiro ano da 77^a Olimpíada. ↵

-
- 4) Escarneceram de Sócrates os poetas cômicos: Crátino, em *Panopteses*; Amipsa, em *Conno*; Êupole, em *Baptes*; Cálias, em *Pédetis*; Aristófanes, o mais notável, em *As nuvens* ㄱ

-
- 5) A pitonisa, sacerdotisa de Apolo, em Delfos, referia a resposta do deus. A resposta textual em relação a Sócrates seria esta, segundo o comentador das *Nuvens*: “Sábio é Sófoles, mais sábio é Eurípedes, mas entre todos os homens, Sócrates é sapientíssimo.” ㄱ

-
- 6) Sócrates refere-se aos acusadores como às três classes que o condenavam: Meleto era poetastro, poeta lírico, o mais ativo dos acusadores; Anito era curtidor e negociante de peles; Lícon foi orador medíocre. Meleto, a alma intelectual, o motor da acusação; Anito, a bolsa, era real inimigo de Sócrates, muito influente no governo popular; amigo íntimo de Trasíbulo, era a alma ativa da acusação, representava o dinheiro e o poder; Lícon era o comparsa necessário, representava o orador, o político, o advogado... o símbolo das mediocracias organizadas. ┘

-
- 7) A lei proibia, a cada um dos adversários, interromper o que falava, mas dava a ambos o direito de se interrogar reciprocamente. A interrogação e a ironia eram o método de Sócrates, para ensinar, para que o discípulo descobrisse, por si mesmo, pelo próprio raciocínio, as verdades que lhe desejava transmitir e que estão dentro de cada ser humano; adota o mesmo método para os adversários e para os acusadores. ㄱ

8) Verso de Homero, *Ilíada*, XVIII. ↵

-
- 9) O supremo poder em Atenas era exercido pelo Senado dos Quinhentos, dividido em dez seções, quantas eram as tribos. A de Sócrates chamava-se Antióquia. Essas tribos tinham o seu ofício, *Pritania*, que especialmente era de presidir a assembleia popular, pouco mais de um mês cada uma, segundo uma ordem estabelecida pela sorte. Durante esse tempo, os cinquenta senadores em serviço, chamados *Pritânios*, permaneciam longe das famílias e eram sustentados a expensas públicas no *Tolo*, edifício redondo, ao lado da sala do Senado. Todos os dias sorteavam entre eles um presidente, que custodiava as chaves da cidadela, as do arquivo e o selo. ㄥ

-
- 10) Os estrategistas vencedores da batalha contra os espartanos, perto das ilhas Arginusas, foram acusados de não recolher os mortos, feridos e náufragos, e, embora dessem como razão uma tempestade sobrevinda, que impediu o piedoso dever, foram condenados coletivamente à morte. A esse procedimento contrário à lei, segundo a qual os acusados deveriam ser julgados separadamente, em vão se opôs Sócrates, que, no dia do julgamento, era presidente do Senado e correu o risco de ser suspeito e levado ao cárcere por dois oradores de profissão, Teramenes e Calisseno. Havia de fato, na legislação ateniense, uma forma de acusação de extremo rigor, pela qual um cidadão podia interditar e até prender outro cidadão surpreendido em flagrante delito; assim, aqueles oradores procuravam demonstrar que prendiam Sócrates como magistrado iníquo. ┘

-
- 11) Os Trinta Tiranos tomaram como alvo o Leão Salamínio, como tantos outros, para se apropriarem das suas riquezas. Para comprometer, pois, os cidadãos honestos, constrangiam-nos a acompanhar os seus esbirros em tais perfídias. ↵

-
- 12) “Mas, dizia o acusador, Crísias e Alcebíades, tendo praticado com Sócrates, fizeram à cidade muitos males: porque Crísias, no governo dos Trinta Tiranos, foi amaríssimo e violentíssimo; e, ao contrário, Alcebíades, no Estado popular, foi, mais que todos, intemperante, insolente e violento.” ㄱ

-
- 13) Sócrates teve um filho, Lamprocle, de Xantipa; de Mirto teve dois. O verso citado é o 163 do XIX da *Odisseia*. Os acusados procuravam comover os juízes com lamentações e pedidos, levando a mulher, os filhos, os pais velhos e até mesmo faziam assistir ao julgamento, amigos notáveis, considerados e poderosos na cidade. ㄱ

14) Outra versão diz que dos 501 juízes, votaram contra 281, e a favor 220; assim faltavam trinta para fazer a metade. ↵

-
- 15) Se o acusador não obtivesse o quinto dos votos, pagava mil drac-mas de multas e perdia o direito de apresentar para o futuro acusações do mesmo gênero. Sócrates argumentava que Meleto, sem a cooperação de Anito e Lícon, não teria obtido o pequeno excedente de votos. ㄤ

-
- 16) No *Pritaneu*, perto da Acrópole, nutriam-se a expensas públicas alguns especiais beneméritos da pátria e ilustres hóspedes estrangeiros. Píndaro descreve as honras com as quais eram recebidos, nas cidades gregas, os vencedores dos jogos olímpicos; também eles eram mantidos pelo Estado. 𐀀

17) Os espartanos. ↵

18) Os *onze*, um por tribo e um secretário, tinham a custódia dos cárceres e o ofício de executarem as sentenças penais. ¶

-
- 19) Dizem que Sócrates, aos discípulos que o queriam fazer fugir do cárcere, perguntou:
“Conheceis algum país, fora da África, onde a morte não tenha acesso?” 𐀀

20) O reconhecimento do erro dos atenienses não tardou de fato: Meleto foi condenado à morte; Anito foi exilado em Heracleia, onde acabou lapidado pelo povo; Lícon suicidou-se de desespero, relegado por todos. A Sócrates, erigiu-se estátua em uma praça de Atenas. 1

21) Palamedes foi acusado injustamente de ter traído o exército grego; Ajax, por juízo iníquo, foi privado das armas de Aquiles. ↵

-
- 22) Os primeiros são dois heróis notabilíssimos do ciclo troiano: Agamênon, o grande condutor do exército grego; Ulisses, o astuto rei da Ítaca, do qual se narram, na *Odisseia*, as vicissitudes da volta à pátria, depois da guerra de Troia. A Ulisses, os antigos comparavam frequentemente o mitológico fundador de Corinto, Sísifo, a *quem ninguém superava na astúcia* (II. IV, 153). ┘

-
- 23) Três principais escolas filosóficas floresceram na Grécia: a *Iônica*, a *Itálica* e a *Eleática*. Da escola iônica destacam-se Tales, Anaximandro e Anaximenes. Procuraram definir o princípio fundamental no universo. Pitágoras é fundador da escola itálica, tendo o seu sistema como fundamento o número, a geometria, a harmonia. Célebres pitagóricos foram Filolau de Crotona, Timeu de Locre, Arquita de Tarento etc. A escola eleática foi fundada por Xenófane. Criticava as precedentes. Combateu Homero e Hesíodo, o politeísmo e antropomorfismo. Procurou ridicularizar a doutrina da metempsicose, atribuída a Pitágoras, mas que veio do Egito, da Caldeia, da mais alta antiguidade. Empédocles, Heráclito, Demócrito, Anaxágoras são grandes homens que viveram e filosofaram durante o período admirável do despertar filosófico da Grécia. Entre os sofistas, citamos Protágoras de Abdera, Górgias de Leontine, Pródico de Coe, Hípias de Élida. Sócrates era filho de Sofronisco, escultor, e de Fenareta, parteira. Nasceu no subúrbio de Alópece, perto de Atenas, entre 461 e 462, para uns, para outros, entre 468 e 469, antes de Cristo. Dizia que tinha a profissão de sua mãe: exercitava-se na maiêutica, arte de fazer dar à luz o espírito... a consciência ou a razão. Era horivelmente feio, no físico, desenvolvido e forte. Mas trouxe para o mundo uma consciência para iluminar e embelezar a vida humana. Derivaram-se dos ensinamentos socráticos outras escolas: a *Cirenaica*, instituída por Aristipo de Cirene, a *Estoica*, dependente da *Cínica*, e fundada por Zenon de Chipre, que recomendava a impassibilidade diante das adversidades, a *Epicurista*, cujo nome vem de Epicuro, que também é estoico, mas, sem a agressividade ou o azedume da cínica e assentada sobre o princípio do prazer de viver, da alegria interior. A *Cínica* é notável, pela figura de Diógenes. Platão escreveu vários diálogos nos quais Sócrates é o protagonista: *Críton*, ou do dever; *Fédon*, ou da alma; *Protágoras*, ou dos sofistas; *Górgias*, ou da retórica; *Fedro*, ou da beleza; e outros. Suas principais obras são *A república* e *As leis*. ┘